



juraci dórea

o sertão: somos muitos

curadoria de galciani neves

[preview]

■ galeria
■ marco ■
zero ■

juraci dórea

no sertão: somos muitos

curadoria de galciani neves

Quando imergimos no campo que chamamos de arte, narrativas, discursos e gestos nos convocam a imaginar outras formas de ver, construir, habitar o mundo. O que, em extrema contraposição, se diferencia de uma pretensa racionalidade e objetividade promovidas pelos aparatos opressivos que se proliferam amplamente, inclusive na arte e na cultura, e que insistem em nos privar de uma liberdade criadora. Reconhecer que esses embates existem e encará-los, e, além disso, ousar destituir a arrogância perceptiva que impõe uma atrofia em nossas experiências com os lugares em que vivemos, trabalhamos e compartilhamos nossos afetos podem ser compreendidos como recursos e articulações do artista baiano Juraci Dórea. E que estão presentes nos trabalhos da mostra *O Sertão: somos muitos*, primeira individual do artista no Recife, na Galeria Marco Zero, e que pode ser considerada como uma visada panorâmica em seus mais de 60 anos de produção.

Seus modos de circular no sistema da arte, seus dispositivos de produção, os critérios que inventa ora para driblar os ditames já muito esvaziados da arte, ora para corrompê-los com linguagem, apresentam-se numa intensa complexidade poética, tecida por muitos componentes. Dentre eles, podemos ressaltar: Juraci afirma a potência da arte como instância disruptiva, educadora e política, em seus sentidos mais amplos. E isso está presente em cada tomada de decisão e em todos os instantes que vislumbra seu público e suas parcerias de trabalho – a terra, seus habitantes, as matérias-primas, as relações sócioculturais e ambientais que impregnam o lugar. “Eu escolhi ficar aqui, em Feira de Santana, longe dos centros onde as decisões da arte acontecem. E não me ressinto”, conta Juraci.

Outro ponto importante: sem intencionalidade de defender esse ou aquele suporte ou preferir uma técnica específica, Juraci destaca o gesto do corpo-autor, ao lidar com as materialidades e seus contextos de origem, como uma ação aberta ao sertão. Esse fazer, por sua vez, ocorre graças a um pensamento biocêntrico, ou seja, o artista estrutura conscientemente suas práticas pela ideia de que a vida, este imenso conjunto de relações e conexões, é que está no centro de tudo, e, por isso, é preciso olhar e respeitar tudo o que vive e faz perpetuar a continuidade da existência.

Todo esse compêndio de experiências contribui para que a obra se esprai com

muitas possibilidades de leitura. Tendo isso em mente, é importante ressaltar que a trajetória artística de Juraci sempre o colocou diante de muitos desafios em relação ao seu vocabulário e aos procedimentos de criação que emprega. Ou seja, para além de toda fortuna crítica disponível sobre o artista e das participações em mostras como Bienal Internacional de São Paulo (1987 e 2021), Bienal de Veneza (1988), Bienal de Havana (1989), Projeto Terra (Université Paris 8, França, 1999), Bienal da Bahia (2014), e outras tantas individuais e coletivas dentro e fora do Brasil, o próprio processo de Juraci dinamiza e transcende alguns termos comumente empregados para categorizar trabalhos, como por exemplo, *land art*, *site specific*, *work in progress*, *arte povera*, *happening*. É com profunda dedicação em interligar contexto e fazer artístico que Juraci cria noções muito próprias sobre arte, que, ao mesmo tempo, estão enraizadas em seu território, e constitui terrenos de experimentação multidisciplinar – arte, meio ambiente, cultura. Assim, prescinde desses anglicismos e opta pela experimentação: recria linguagens e técnicas, adaptando-as aos seus processos e intencionalidades, e remolda conceitos sobre o que pode ser compreendido como arte. Incansável nessa labuta, reinventa-se no sertão, com o sertão e a partir do sertão.

Essa trajetória teve início nos anos 1950, quando Juraci já se interessava em desenhar os personagens do sertão: o vaqueiro, o gado, o cavalo. Tangendo a boiada, incrementado pela roupa de couro, tendo os bichos como seus aliados, o vaqueiro surgiu em desenhos em bico de pena e ecoline, tal como um Dom Quixote do interior. Em 1960, Juraci vivenciou a efervescência cultural da Tropicália e entrou em contato com as manifestações de matriz afro-brasileira, em Salvador, quando cursou Arquitetura. São dessa época alguns trabalhos, como o Mural da Livraria Jacuípe, em Feira de Santana, e a obra *Multidão* (1967), realizada a partir da tradicional técnica de produzir as típicas malas de madeira usadas pelos sertanejos, e doada para o Museu Regional de Feira de Santana.

Durante a década de 1970, o sertão ganhou outra ênfase em obras confeccionadas em couro e cujas formas remetiam ao ciclo do couro, tão importante para a região: brasões sertanejos, contornos de boi e seus chifres. Juraci começou, então, a realizar as suas primeiras esculturas a céu aberto e a série “Estandartes de Jacuípe”. Ao mesmo tempo, o artista produzia pinturas em que figuravam formas semelhantes às indumentárias dos vaqueiros e temas associados ao imaginário e ao cotidiano de Feira de Santana – barracas de feira, açougues e o comércio inspiravam sua produção. Pesquisando sobre o histórico ciclo do couro que fundou tantas cidades na Bahia e ouvindo “a mágoa do aboio” (segundo Dival Pitombo, em 1965), Juraci narrou o boiadeiro e o sertão baiano. Outro processo importante se relaciona com o redesenho do balão típico das festas juninas, que também contribuiu para uma empreitada escultórica.

A década de 1980 foi decisiva para as experimentações escultóricas e efêmeras de Juraci. Ele realizou os primeiros estudos e a primeira maquete do *Projeto Terra*, adensando sua intenção tridimensional. O couro ganhou formas mais livres. No projeto, o artista discute as motivações e as problematizações dessas obras. Com um tom muito afiado, Juraci inicia sua discussão apontando como a arte brasileira daquela época era predominantemente destinada a um público urbano, circulava em ambiente urbano e discutia questões urbanas. Assim, sua proposta se concentrava em produzir trabalhos vinculados ao próprio contexto que os inspirava, onde estavam seus materiais de produção e onde circulavam pessoas que compartilhavam das mesmas questões mobilizadoras da obra que estaria, então, no sertão, “entre cabras, bois magros e xiquexiques”, escrevia o artista.

Outra característica fundamental: o trabalho seria uma recriação. Com couro e madeira reaproveitados, disponíveis na região, a escultura seria construída coletivamente. E ficaria “no tempo”, ao ar livre, convivendo com os passarinhos, que ali fariam ninhos; com a vegetação, que avançaria sobre sua superfície; com os moradores dos arredores que, provavelmente, com toda liberdade a desfariam, tempos depois, para reutilizar os materiais. O tempo é construtor desses trabalhos. Além disso, estavam em seus pressupostos: que o público reconhecesse os materiais da obra de arte, que as modificações que ali se dessem não seriam compreendidas como depredação, que o trabalho e seus processos não trouxessem danos à paisagem e que houvesse em todas e possíveis instâncias da obra uma conexão com o lugar. Assim, aconteceu, arte com senso de coletividade e porosa ao tempo e ao lugar.

Juraci realizou inúmeras dessas esculturas e as fotografou. Algumas delas foram registradas mais de uma vez. Essas imagens versam sobre o tempo e suas transformações na paisagem. Em paralelo, Juraci realizava exposições embaixo de árvores, nas paredes externas das casas. Defronte à casa de Edwirgens, mulher que, segundo o artista, tudo sabia sobre a localidade de Saco Fundo (Bahia), toda a gente ia se juntando. Cada pessoa chegava com o que tinha: com o olhar desconfiado, com o pote de água vinda da cacimba, com vontade de conversa, com as cabeças de gado sobrevidentes, com o cansaço da lida, com as encomendas de ex-votos para vender na feira. Debaixo do sol, pinturas iam sendo penduradas, apareciam varas de madeira, pedaços de couro de boi, e mãos, muitas mãos construíam a cena.

“Parece muita coisa. Parece um morro. Parece uma armação duma coisa assim. Mais eu num tô sabeno memo o significado direito” (Genival, Raso da Catarina, depoimento colhido em 1984). “O povo particulá das capital, acredito que pode achá muito mais lindo. Nós aqui mora na roça, nós assiste um couro assim, achano qui tá pariceno uma ispera de ema” (Álvaro Cardoso, Saco Fundo, depoimento colhido

em 1984). Citações como essas foram coletadas por Juraci, enquanto as esculturas e exposições iam acontecendo. Suas anotações de natureza projetual e seus registros fotográficos necessitavam unir-se a essas palavras, como que para ganhar lugar no mundo, veracidade, como que para completar um rito de pregnância e pertencimento ao sertão.

Podemos pensar que nos trabalhos do artista convivem vários tempos: o do processo de criação, cujas articulações conceituais e materiais e intencionalidades são apontadas profundamente nos projetos; um tempo de acontecimento e produção in loco da obra, em que Juraci buscava mesclar as condições visuais das obras às do lugar; um tempo de reflexão, em que o artista traçava junto com seus parceiros compreensões sobre o que estava sendo realizado e que caminhava junto com registros fotográficos e relatos como esses, anteriormente citados. Juraci produziu publicações, folders, organizou anotações escritas à mão. E, atualmente, os arquivos digitais guardam suas reflexões – tentativas insistentes em perceber o que podem seus trabalhos discutir e como seguir fazendo arte no sertão.

Nesse sentido, projeto, processo, obra, documentação constroem um trabalho-arquivo. E assim, essa organização acrescenta densidade ao pensamento e fazer do artista. Em seu ateliê, podemos encontrar uma infinidade de pastas que o artista mantém há anos como uma espécie de histórico de suas obras, o que as transforma também em acontecimentos e documentos. Também nos coloca diante de um túnel do tempo tanto retroativo, pois os documentos relatam o que ocorreu, como infindavelmente em gerúndio, já que as matérias e seus tempos seguem deixando seus mínimos rastros no ambiente. O artista se interessa por essa falta de controle em seus trabalhos. Ou seja, Juraci é um artista que lança gestos no mundo e abre os trabalhos para que o tempo e a natureza também sejam agentes nesse fazer.

O artista entrecruza tempos de criação, amalgamando passados que transitam e se atualizam livremente no presente, por meio de seus arquivos, anotações e projetos. Vivencia os contextos (o sertão é vasto e muda o tempo todo) e abre novas frentes de trabalho. Os procedimentos que Juraci empreendeu durante a produção de muitos de seus trabalhos ressurgem revitalizados e recontextualizados em outros projetos. Ele segue se dedicando a andanças sertão adentro. Não há guias, nem horizonte. Ao contrário do que se pensa, a mata do sertão é verde e densa. E Juraci vai se orientando pelo rastro do boi, por pequenos galhos e pedras que deixa ao longo de seu percurso. Assim, encontra lugares para realizar pequenas intervenções: uma composição com pedra e um tronco de árvore, um pedaço de couro que leva consigo para descansar sobre uma cerca. A ação tende ao mínimo, acontece ali e é registrada. O que se passará depois é construção do tempo e dos bichos. *Arte para ninguém* é o título dessa série

cujos procedimentos seguem um tanto dos pressupostos previstos já no *Projeto Terra*.

Outros trabalhos produzidos em couro são versões das esculturas efêmeras realizadas na década de 1980. O couro segue como protagonista, mas, nessas obras, a escala é a do gesto, da subjetividade, da mão. Às *Esculturas de bolso* também importa ocorrer em outros ambientes, como se quebrassem algumas regras e inserissem o sertão, via cheiro, fisicalidade e textura do couro. O sertão também vem mediado por objetos remanejados (sinos, cordas de couro, galhos coletados, esterco), como nas obras *Triângulo com chocalhos 03; Totem*, da série *Concerto para raposas e violoncelo; Antes e depois de Marcel Duchamp*. Nesses trabalhos, a apropriação de objetos une-se à composição escultórica. Já *Azulejos*, série de recortes de couro, medindo 15 cm², foram produzidos a partir de cortes, pinturas, e composições que lembram a geometria das Cancelas, trabalhos produzidos durante os anos 1980.

Outros trabalhos como a série de desenhos *Paisagem Nordestina* e *Ainda Canudos* são provenientes de procedimentos e experiências vivenciadas no passado pelo artista. O primeiro deriva-se e dá continuidade aos croquis do *Projeto Terra*, só que vêm revestidos de uma maior liberdade gestual, tendem à abstração. E são como resquícios dos gestos construtivos, como ondas de lembranças das esculturas realizadas no sertão. O segundo trabalho, desenho em carvão, é uma tradução que ousa recuperar uma das cenas já desenhadas por Juraci para um acontecimento que ele realizou em Canudos, juntamente com Washington Falcão, “em homenagem às vítimas da guerra sangrenta patrocinada pelo governo brasileiro... É, portanto, uma homenagem à liberdade”, como consta na publicação que registra a ação.

Com todos esses trabalhos e outros tantos que produziu, Juraci Dórea nos chama a ver a indissociabilidade entre sujeito e terra por meio da arte. E não que isso seja uma intenção, essa é a condição para que o artista produza, poderíamos dizer. Para Juraci, no sertão, embora a vida seja de difícil manutenção, como dizem os de fora, há uma capacidade que o sertanejo tem de sobreviver a tudo e uma solidariedade comunitária visível, que muito o emocionam. A arte para Juraci é um exercício que não se desenlaça desse viver no sertão. Um sertão que é de muitos tempos, que se expande e que se guarda em muitos de nós.



juraci dórea
feira de santana, bahia | 1944





Escultura da Pedra Vermelha, da série Projeto terra, 1989

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 1/2 x 19 3/4 in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2203



Escultura da Tapera, da série Projeto terra, 1982

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

50 x 70 cm / [9 ¾ x 27 ½ in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2200

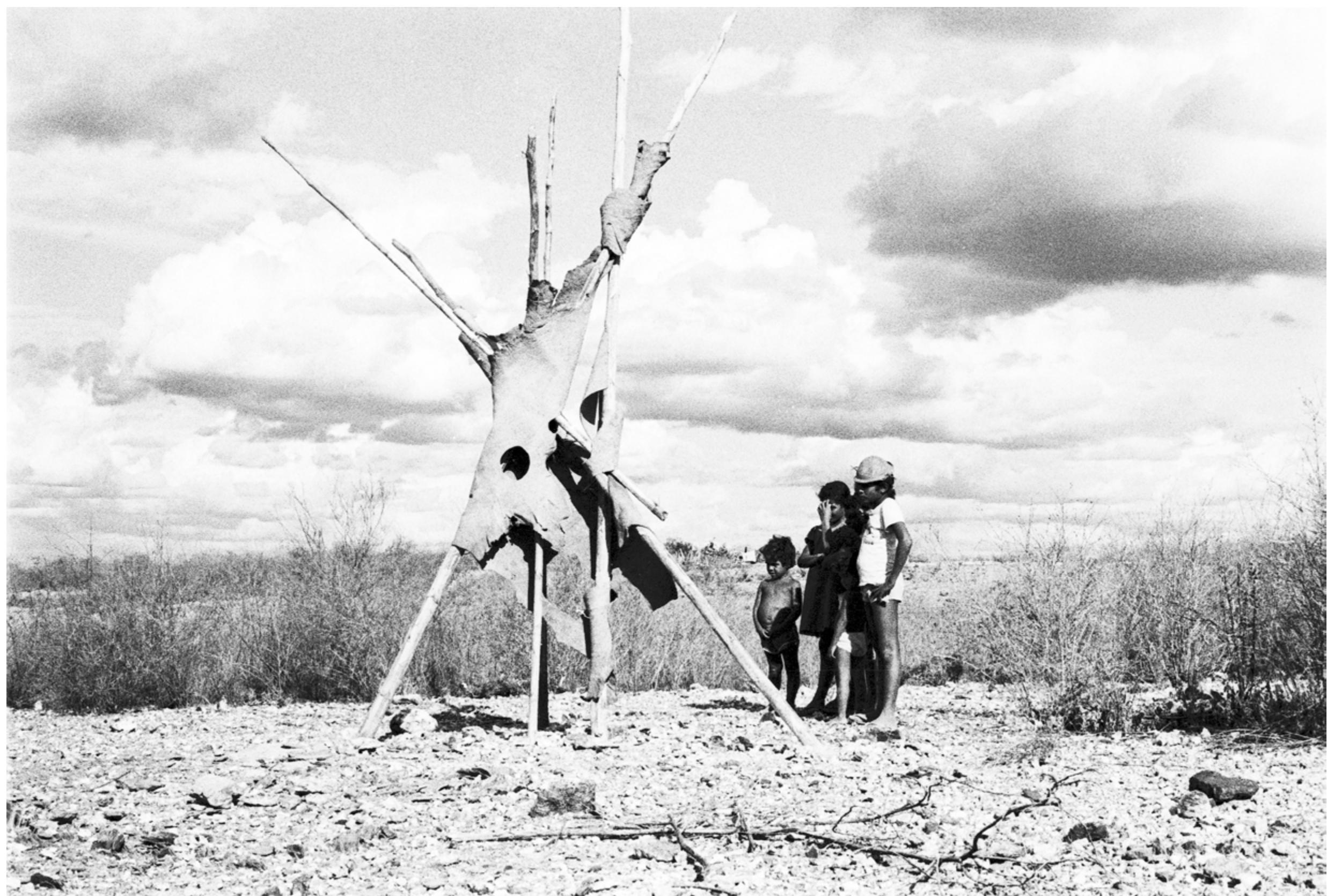


Escultura do Acaru, da série Projeto terra, 1982

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

50 x 70 cm / [9 ¾ x 27 ½ in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2201

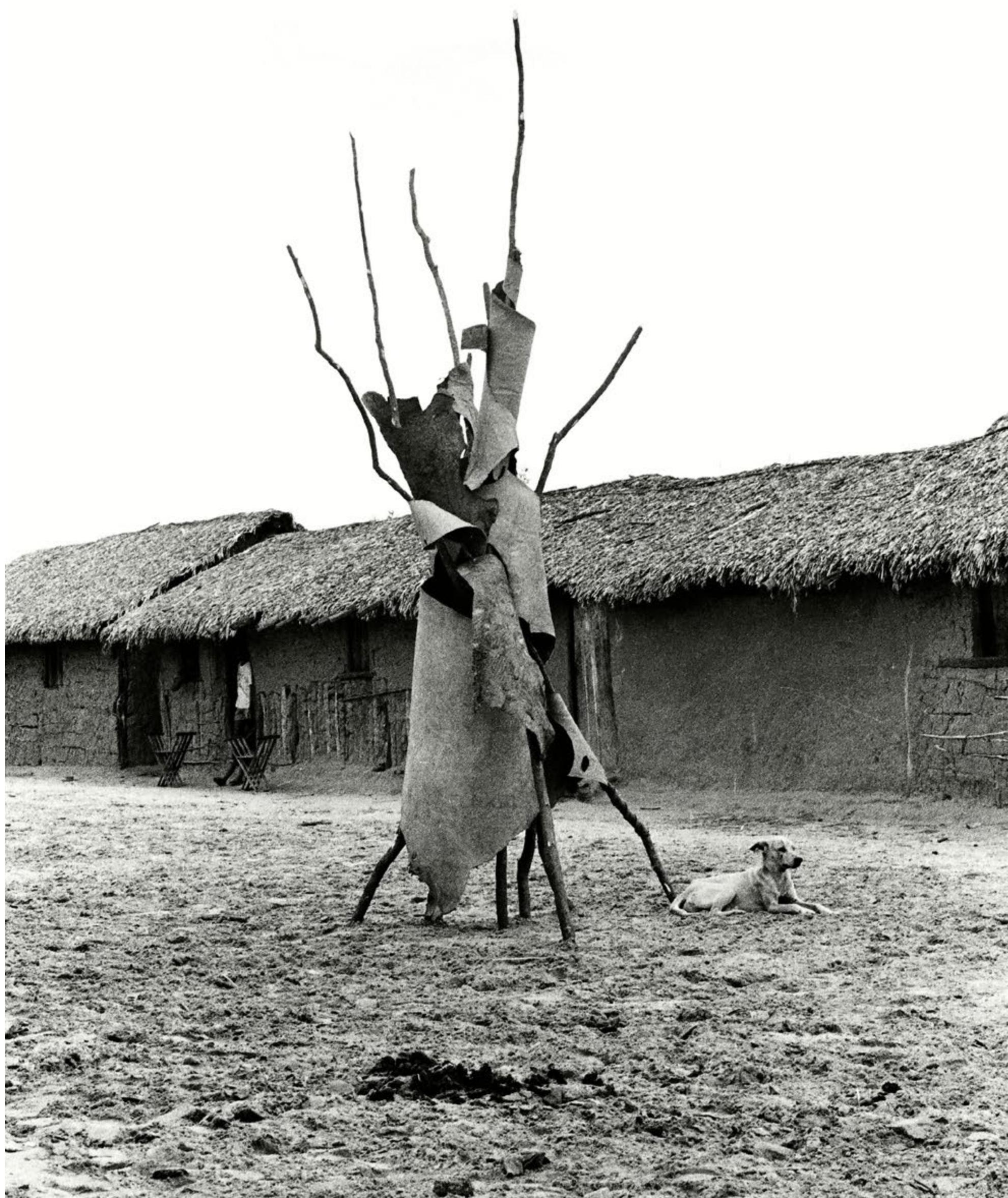


Escultura de Canudos, da série Projeto terra, 1984

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

50 x 70 cm / [9 ¾ x 27 ½ in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2202



Escultura de Utinga, da série Projeto terra, 1989

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 1/2 x 19 3/4 in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2489



Escultura do Porteirão, da série Projeto terra, 1990

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 1/2 x 19 3/4 in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2214



Escultura da Casa de Claudinho, da série Projeto terra, 1990

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 ½ x 19 ¾ in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2221



Escultura do Canto da Cerca, da série Projeto terra, 2002
pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão
60 x 45 cm / [23 5/8 x 17 3/4 in] / tiragem 1/5 + prova do artista
GMZ.2222



APN 27, da série *Arte para ninguém*, 2019

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 ½ x 19 ¾ in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2197



APN 35, da série Arte para ninguém, 2019

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 ½ x 19 ¾ in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2198

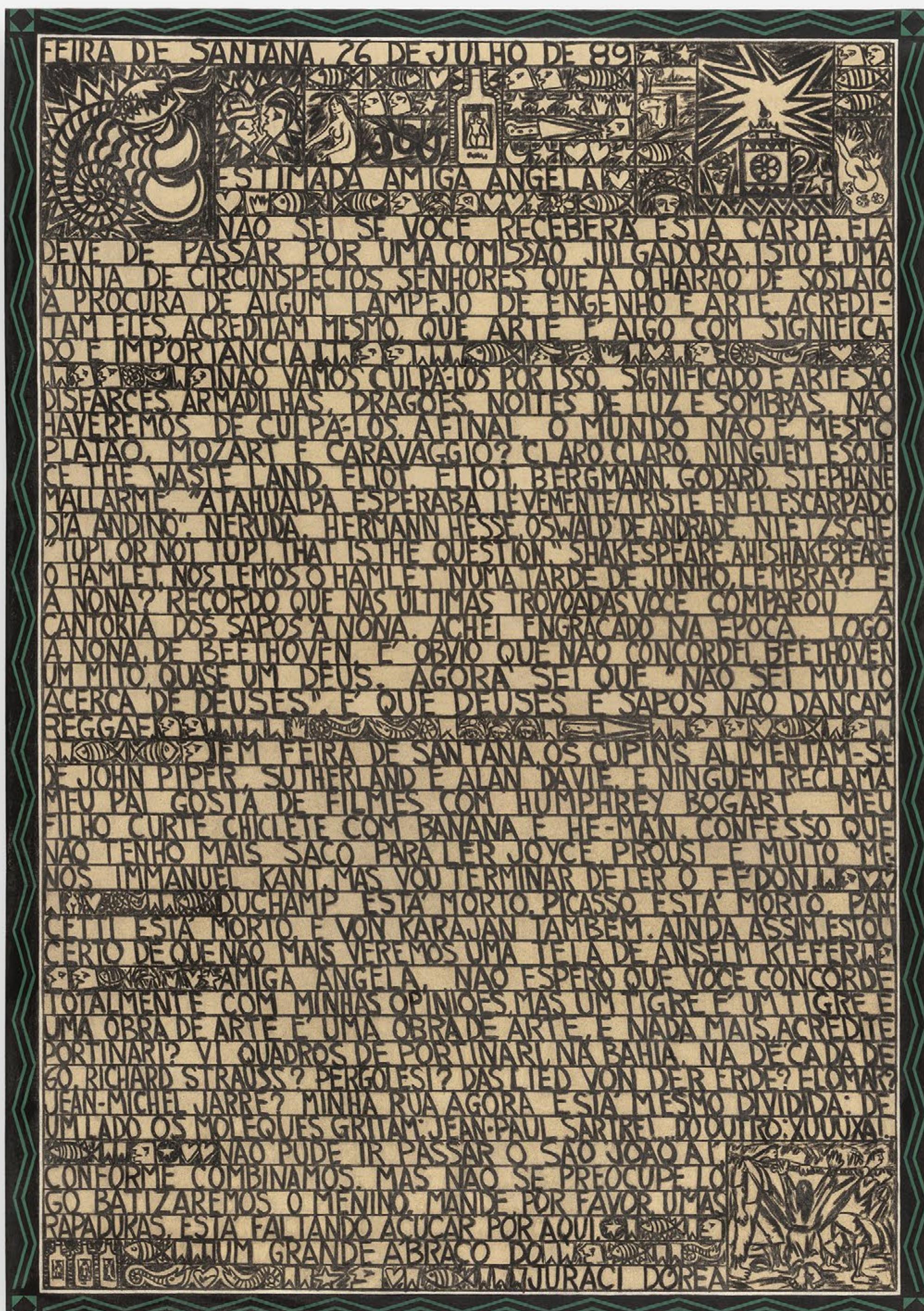


APN 37, da série *Arte para ninguém*, 2019

pigmento mineral sobre papel Rag Photo 310g, 100% algodão

70 x 50 cm / [27 1/2 x 19 3/4 in] / tiragem 1/5 + prova do artista

GMZ.2199



Carta para Ângela, 1989

carvão e PVA sobre tela

210 x 150 cm / [82 5/8 x 59 1/8 in]

GMZ.2318

FEIRA DE SANTANA, 26 DE JULHO DE 89

ESTIMADA AMIGA ANGELA

NAO SEI SE VOCE RECEBERA' ESTA CARTA. ELA DEVE DE PASSAR POR UMA COMISSAO JULGADORA, ISTO E UMA JUNTA DE CIRCUNSPECTOS SENHORES QUE A OLHARAO' DE SOSIAO A PROCURA DE ALGUM LAMPEJO DE ENGENHO E ARTE. ACREDITAM ELES, ACREDITAM MESMO, QUE ARTE E' ALGO COM SIGNIFICADO E IMPORANCIA.

NAO VAMOS CULPA-LOS POR ISSO. SIGNIFICADO E ARTE SAO DISFARCES, ARMADILHAS, DRAGOES, NOITES DE LUZ E SOMBRAIS, NAO HAYEREMOS DE CULPA-LOS. AFINAL, O MUNDO NAO E' MESMO PLATAO, MOZART E CARAVAGGIO? CLARO CLARO, NINGUEM ESQUECE THE WASTELAND, ELIOT, ELIOT, BERGMANN, GODARD, STEPHANE MALLARME, ATAHUALPA ESPERABA LEVEMENTE/TRISTE EN EL ESCARPADO DIA ANDINO, NERUDA, HERMANN HESSE, OSWALD DE ANDRADE, NIETZSCHE "TUP, OR NOT TUP, THAT IS THE QUESTION", SHAKESPEARE, AH SHAKESPEARE O HAMLET, NOS LEMOS O HAMLET NUMA TARDE DE JUNHO, LEMBRA? E A NONA? RECORDO QUE NAS ULTIMAS TROVOADAS VOCE COMPAROU A CANTORIA DOS SAPOS A NONA. ACHEI ENGRACADO NA EPOCA. LOGO A NONA, DE BEETHOVEN, E' OBvio QUE NAO CONCORDA, BEETHOVEN UM MITO, QUASE UM DEUS. AGORA SEI OUFE' NAO SEI MUITO ACERCA 'DE DEUSES'. E' QUE DEUSES E SAPOS NAO DANCAM REGGAE.

FM FEIRA DE SANTANA, OS CUPINS ALIMENTAM-SE DE JOHN PIPER, SUTHERLAND E ALAN DAVIE, E NINGUEM RECLAMA. MEU PAI GOSTA DE FILMES COM HUMPHREY BOGART, MEU FILHO CURTE CHICLETE COM BANANA E HE-MAN, CONFESSO QUE NAO TENHO MAIS SACO PARA LER JOYCE, PROUST E MUITO ME NOS IMMANUEL KANT, MAS VOU TERMINAR DE LER O FEUDON. DUCHAMP ESTA' MORTO, PICASSO ESTA' MORTO, PAN- CETTI ESTA' MORTO, E VON KARAJAN TAMBEM. AINDA ASSIM, ESTOU CERTO DE QUE NAO MAIS VEREMOS UMA TELA DE ANSELIM KIEFER. AMIGA ANGELA, NAO ESPERO QUE VOCE CONCORDE TOTALMENTE COM MINHAS OPINIOES, MAS UM TIGRE E' UM TIGRE E UMA OBRA DE ARTE E' UMA OBRA DE ARTE, E NADA MAIS. ACREDITE PORTINARI? VI QUADROS DE PORTINARI NA BAHIA, NA DECAADA DE 60, RICHARD STRAUSS? PERGOLESI? DAS LIED VON DER ERDE? FLOMAR? JEAN-MICHEL JARRE? MINHA RUA AGORA E' SIA MESMO DIVIDIDA: DE UM LADO OS MOLEQUES GRITAM: JEAN-PAUL SARTRE!, DO OUTRO: XUUUXA!.

NAO PUDE IR PASSAR O SAO JOAO A CONFORME COMBINAMOS. MAS NAO SE PREOCUPE LO GO BATIZAREMOS O MENINO, MANDE POR FAVOR UMAS RAPADURAS, ESTA FAI LANDO ACUCAR POR AQUI, E

LUM GRANDE ABRACO DO JURACI DOREA

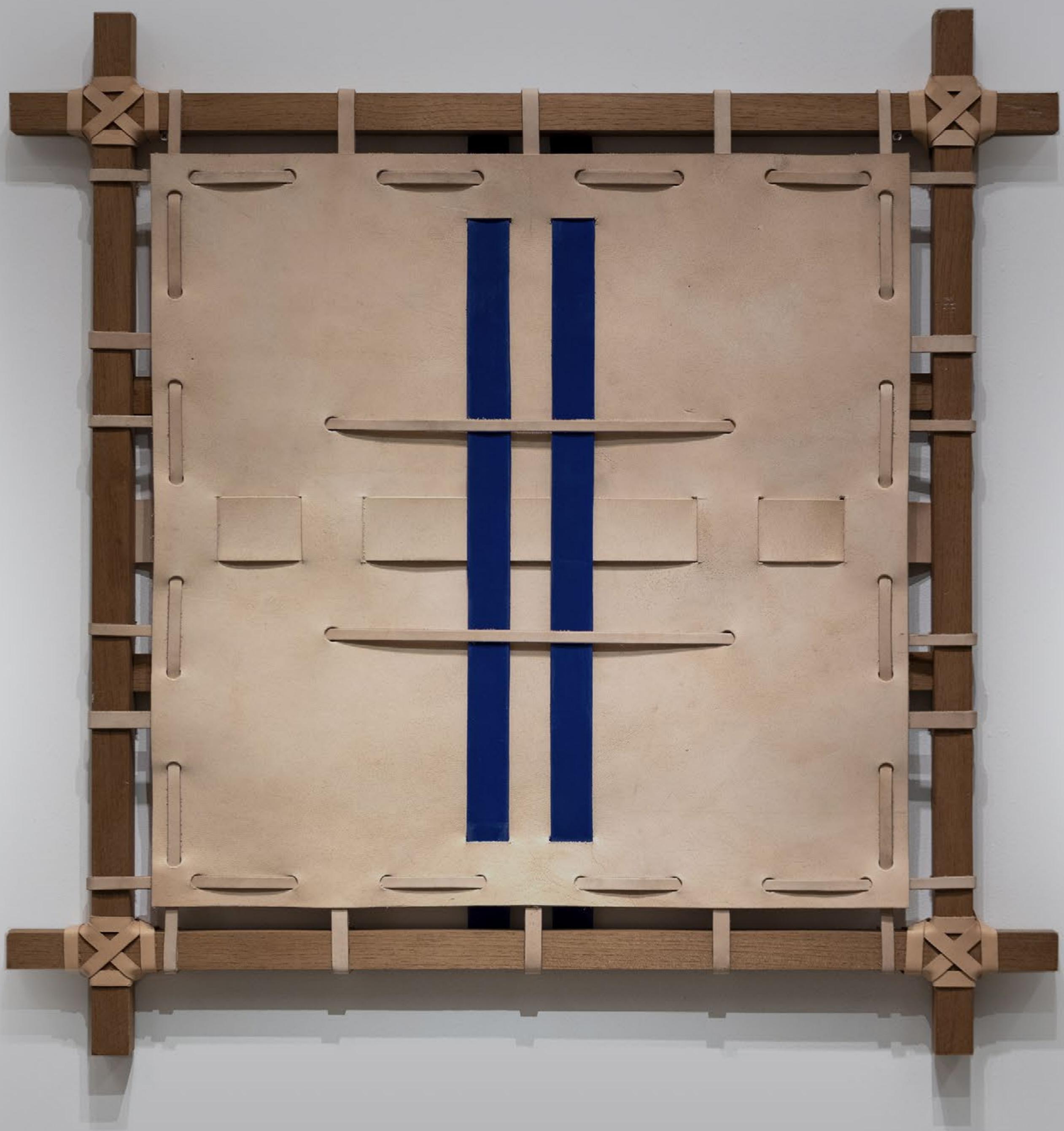


Ainda Canudos, 2025

210 x 150 cm / [82 5/8 x 59 1/8 in]

GMZ.2269





Cancela 10, 2025

couro, pigmento e madeira

100 x 100 x 6 cm [39 3/8 x 39 3/8 x 2 3/8 in]

GMZ.2180



Cancela 9, 2025

couro, pigmento e madeira

100 x 100 x 6 cm [39 3/8 x 39 3/8 x 2 3/8 in]

GMZ.2180





Cena sertaneja 01, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro e pigmento

59 x 32,5 x 1,2 cm / [23 1/4 x 12 3/4 x 1/2 in]

GMZ.2302



Cena sertaneja 02, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro e pigmento

59 x 32,5 x 1,2 cm / [23 1/4 x 12 3/4 x 1/2 in]

GMZ.2303



Cena sertaneja 04, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro e pigmento

59 x 32,5 x 1,2 cm / [23 1/4 x 12 3/4 x 1/2 in]

GMZ.2305



Cena sertaneja 05, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro e madeira

45 x 30 x 1,5 cm / [17 ¾ x 11 ¾ x 5/8 in]

GMZ.2306

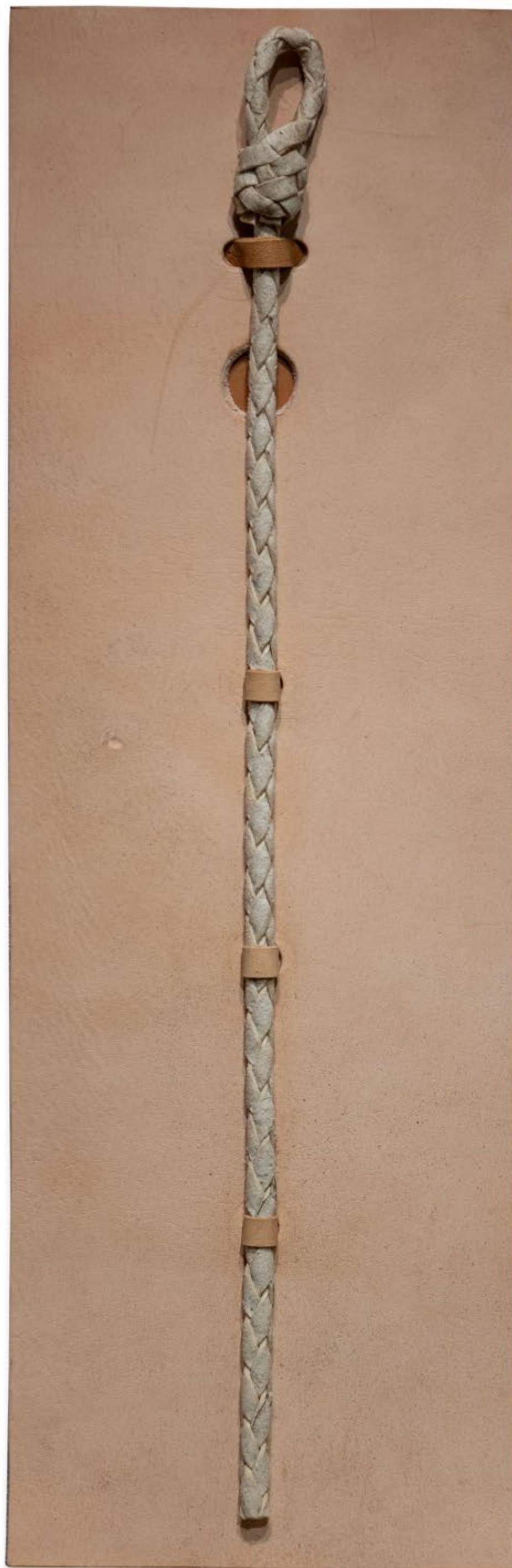


Cena sertaneja 06, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro

50 x 20 x 1,7 cm / [19 ¾ x 7 ¾ x ⅝ in]

GMZ.2307



Cena sertaneja 07, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro

55 x 18 x 3 cm / [21 5/8 x 7 1/8 x 1 1/8 in]

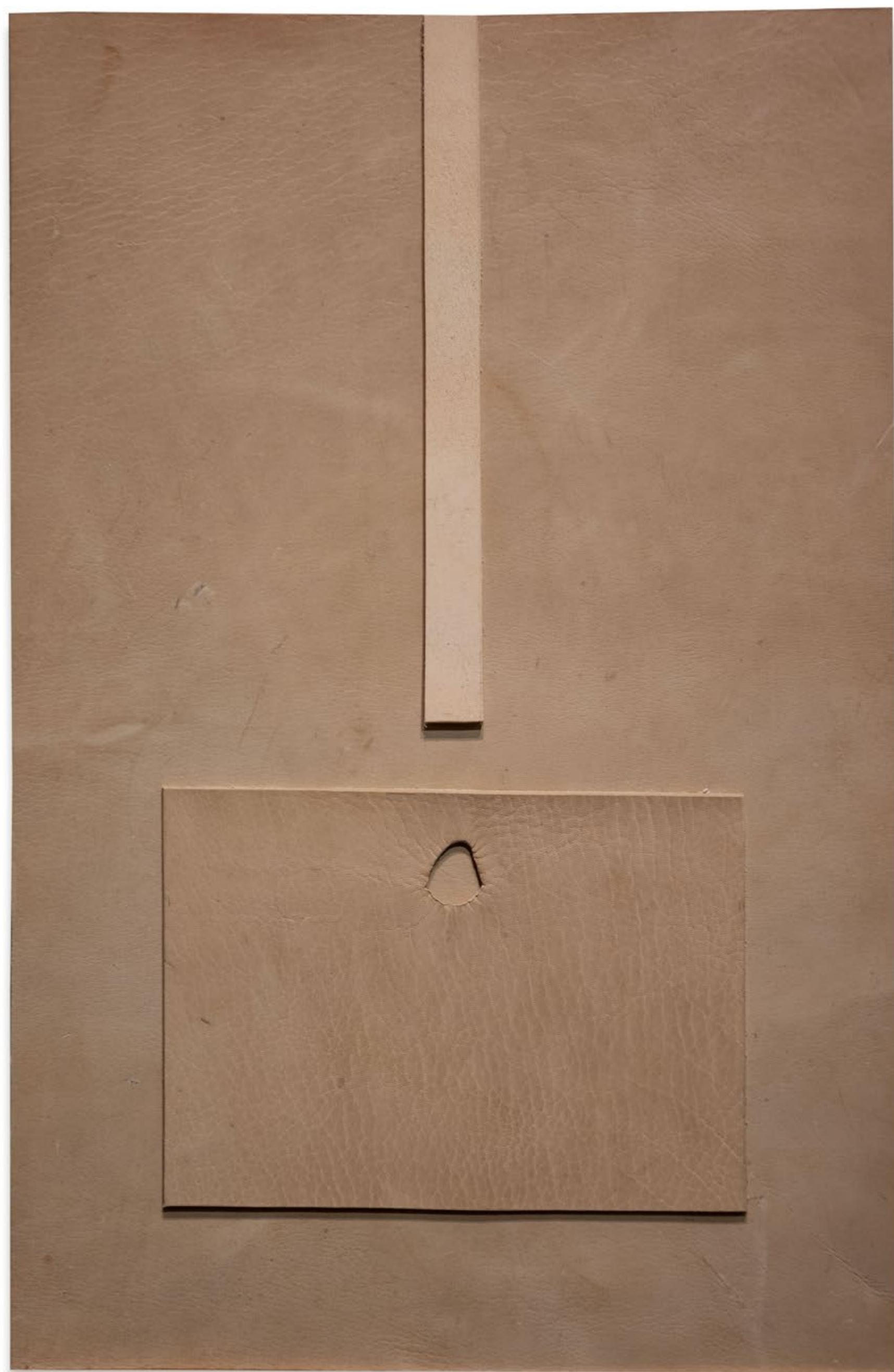
GMZ.2308



Cena sertaneja 08, da série Cenas Sertanejas, 2025
couro e madeira

73 × 32,5 × 6 cm / [28 ¾ × 12 ¾ × 2 ⅝ in]

GMZ.2309

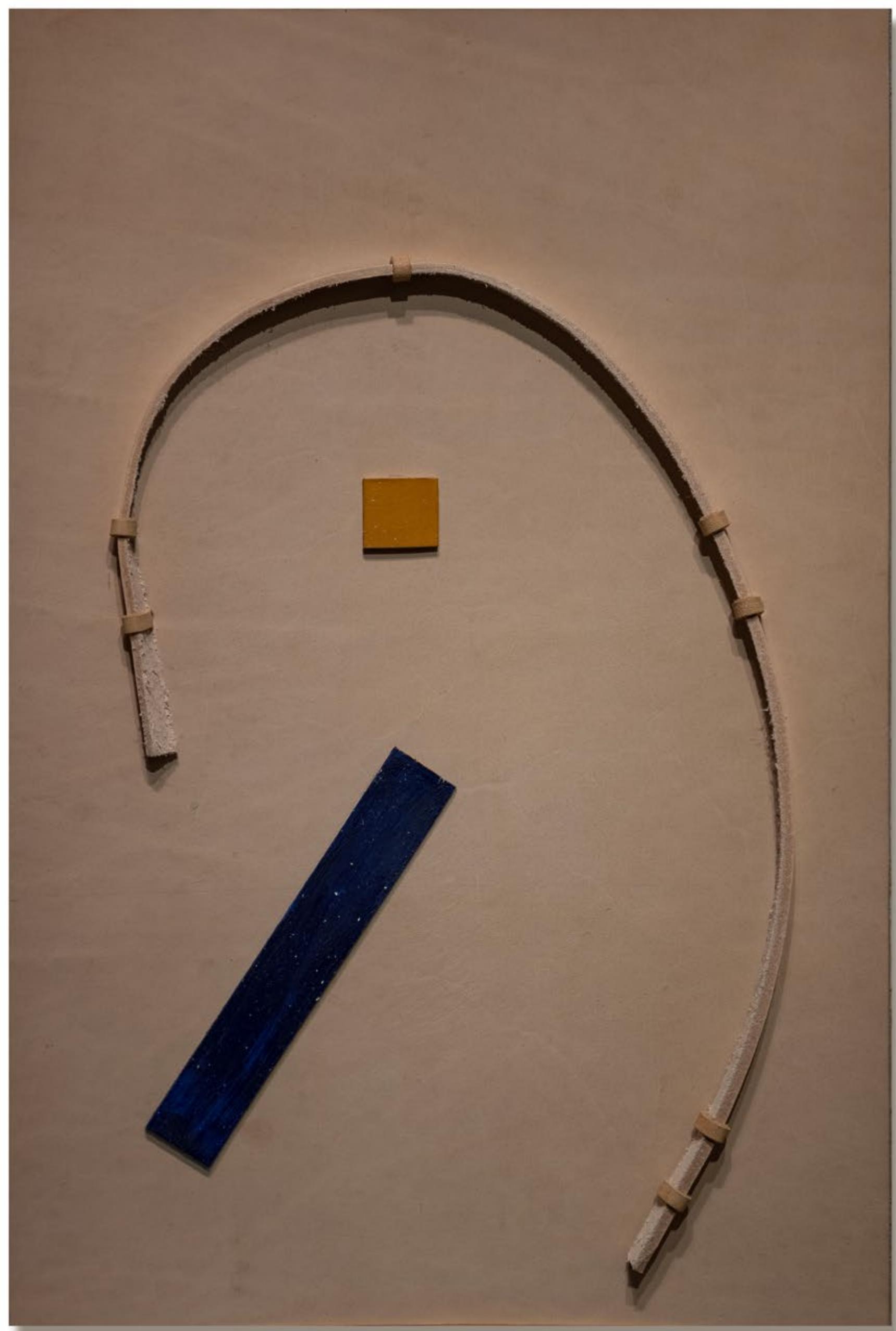


Cena sertaneja 09, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro

50 x 32,5 x 0,8 cm / [19 5/8 x 12 3/4 x 3/8 in]

GMZ.2309



Cena sertaneja 10, da série Cenas Sertanejas, 2025

couro e pigmento

45 x 30 x 1,5 cm / [17 ¾ x 11 ¾ x 5/8 in]

GMZ.2311



Escultura de bolso 01, da série Esculturas de bolso, 2025

couro e madeira

45 x 18 x 7 cm / [17 ¾ x 7 ¼ x 2 ¾ in]

GMZ.2312





Escultura de bolso 02, da série Esculturas de bolso, 2025

couro e madeira

15 x 50 x 10 cm / [5 7/8 x 19 3/4 x 3 7/8 in]

GMZ.2313



Escultura de bolso 03, da série Esculturas de bolso, 2025

couro e madeira

46 x 23 x 19 cm / [18 1/8 x 9 1/8 x 7 1/2 in]

GMZ.2314



Escultura de bolso 04, da série Esculturas de bolso, 2025
couro e madeira
57 x 23 x 20 cm / [22 3/8 x 9 1/8 x 7 7/8 in]
GMZ.2315



Escultura de bolso 05, da série Esculturas de bolso, 2025

couro e madeira

43 x 30 x 15 cm / [16 7/8 x 11 3/4 x 5 7/8 in]

GMZ.2316



Triângulo com chocalho 03, 2025

couro, madeira e chocalhos

130 x 110 x 7 cm / [51 1/8 x 43 1/4 x 2 3/4 in]

GMZ.2317





Antes e depois Marcel Duchamp, 2025

couro e chocalhos

10 x 20 x 20 cm / [3 7/8 x 7 7/8 x 7 7/8 in]

GMZ.2321



Cordel 01 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2258



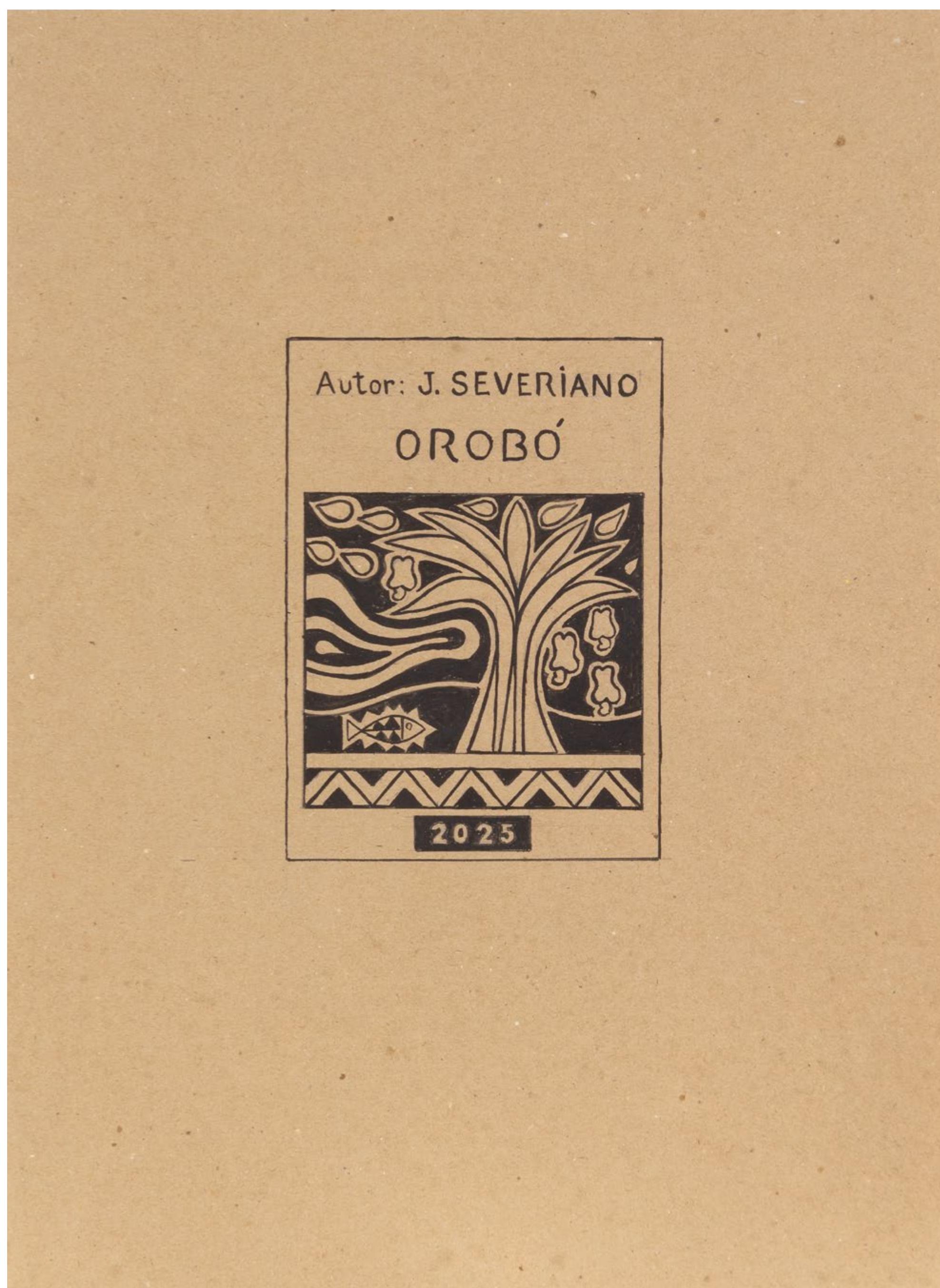
Cordel 02 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2259



Cordel 03 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2260



Cordel 04 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2261



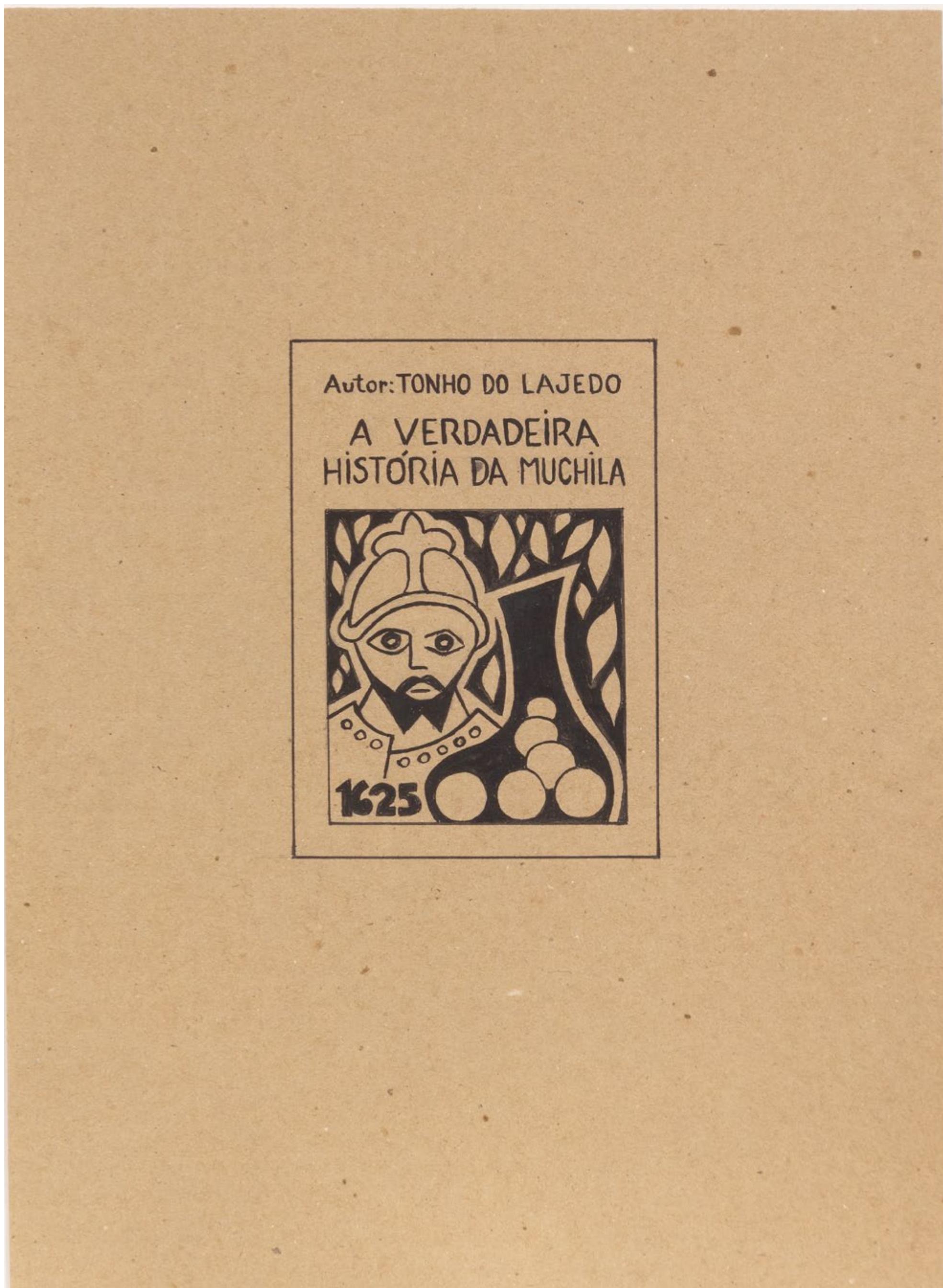
Cordel 05 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2262



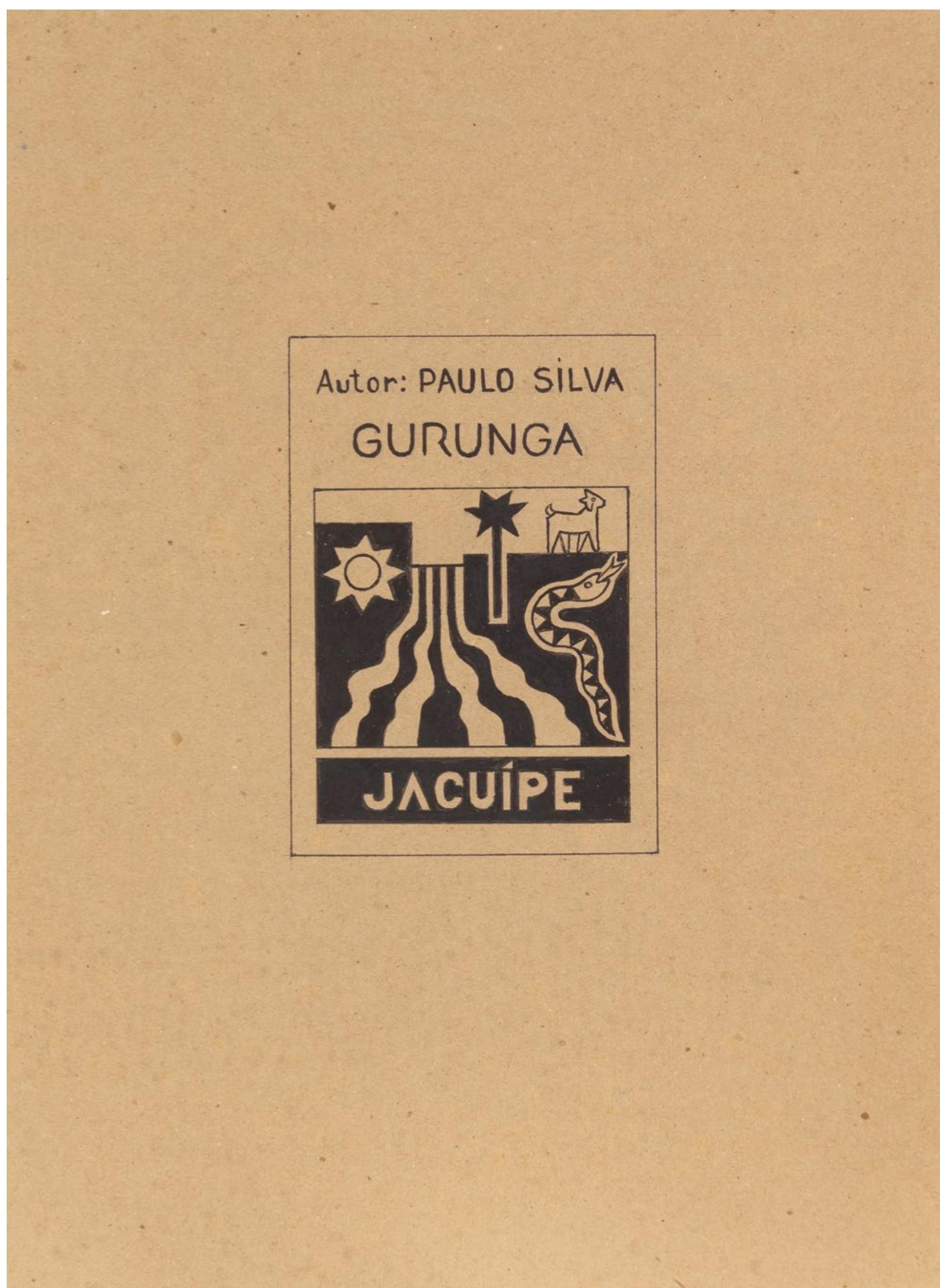
Cordel 06 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2263



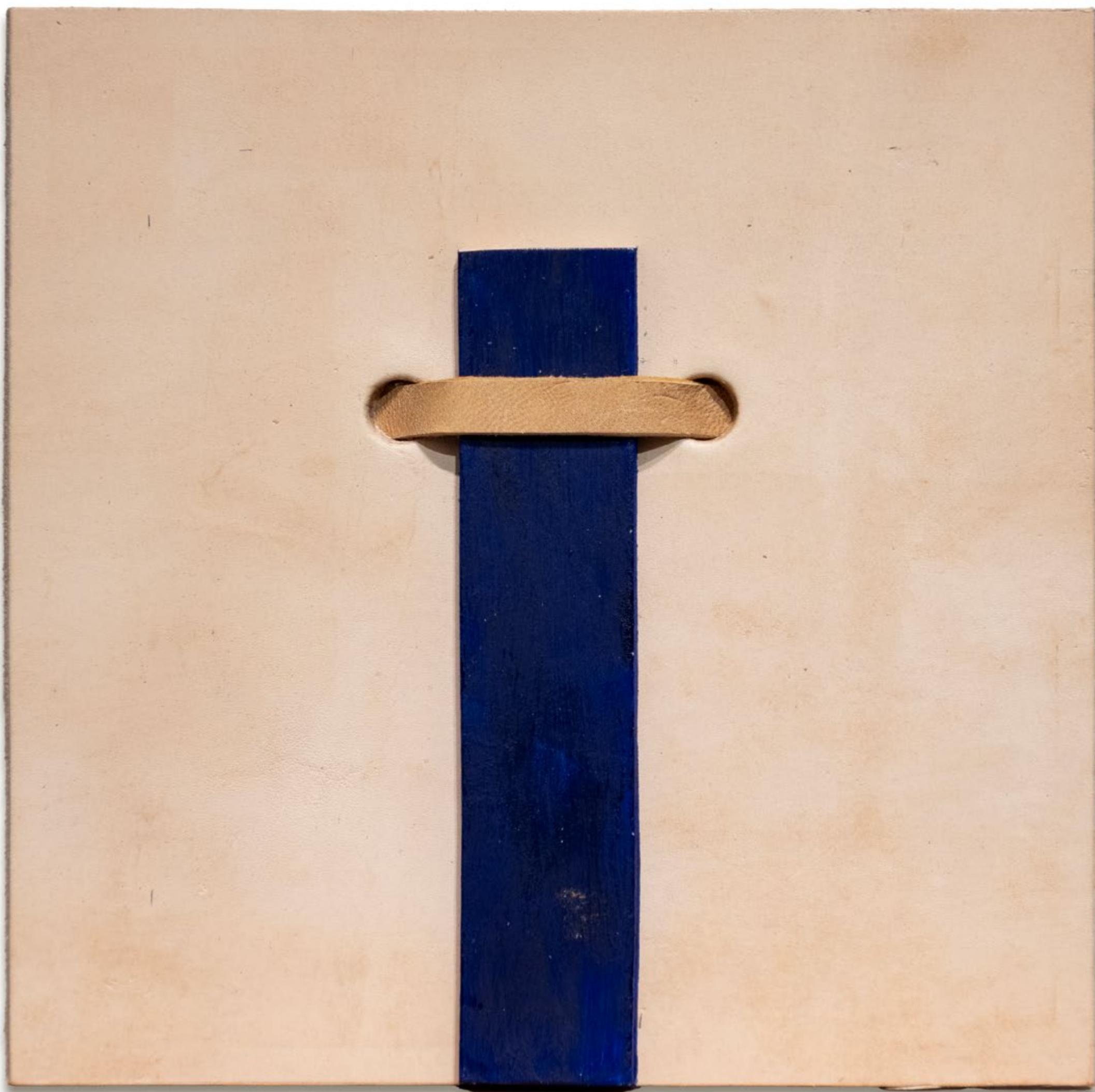
Cordel 07 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2264



Cordel 08 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2265



Cordel 09 da série Cordel, 2025
acrílica e nanquim sobre papel manilha
47,5 x 36 cm / [18 ½ x 14 ⅛ in]
GMZ.2266

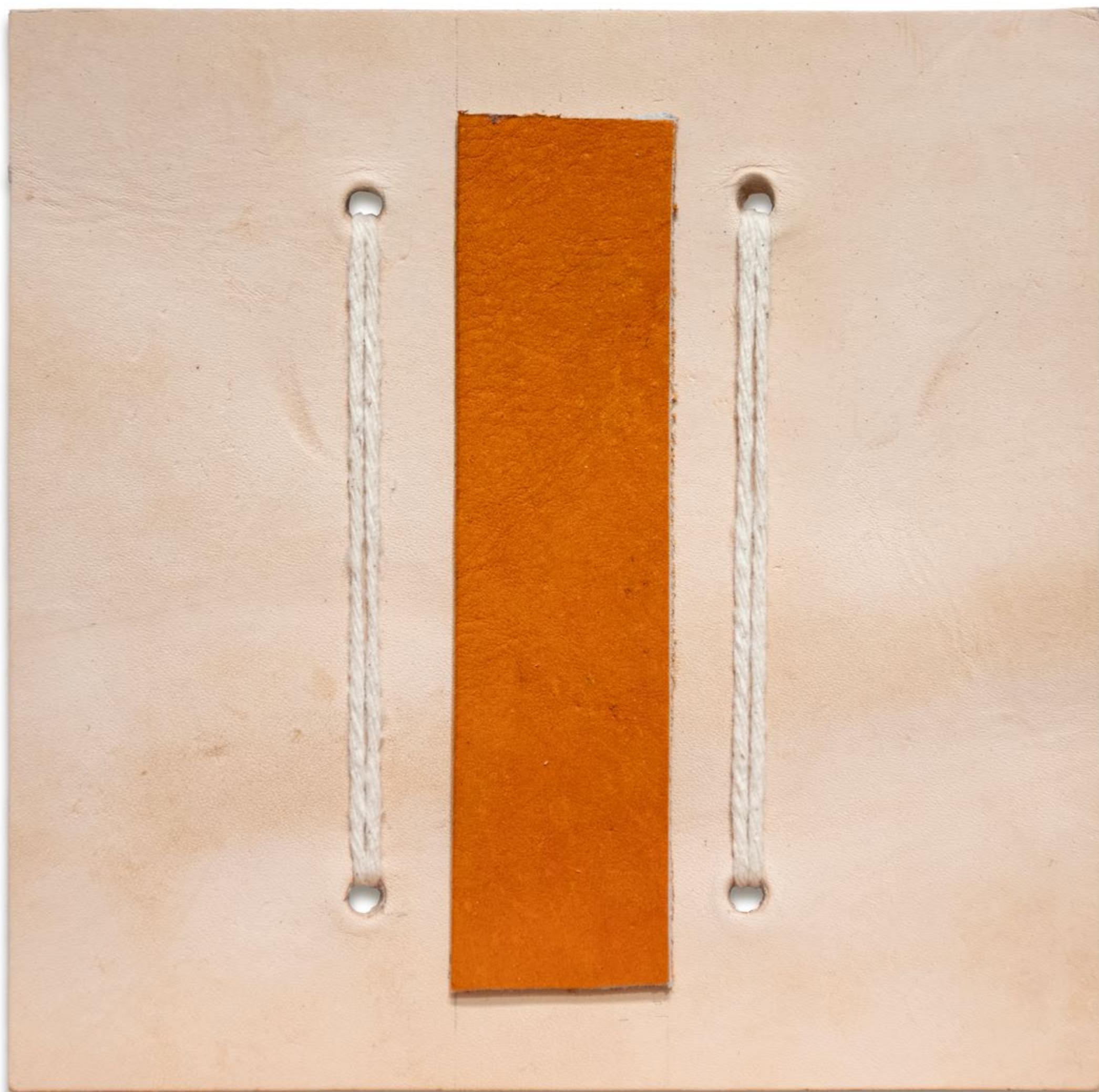


Azulejo #1, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2182



Azulejo #2, da série Azulejos, 2025
couro, pigmento e cordão de algodão
15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]
GMZ.2183

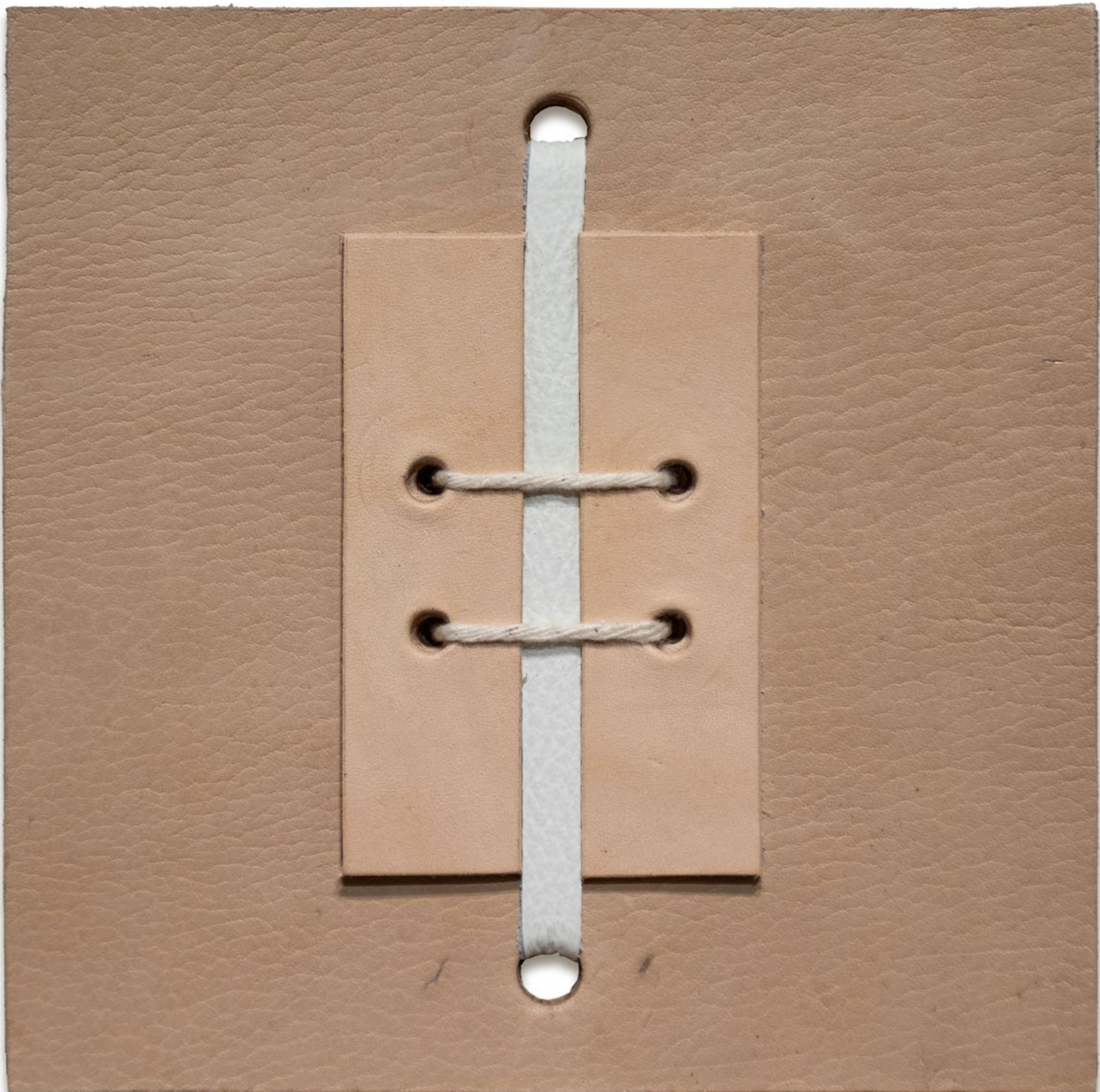


Azulejo #18, da série Azulejos, 2025

couro

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2282



Azulejo #19, da série Azulejos, 2025
couro, pigmento e cordão de algodão
15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]
GMZ.2283

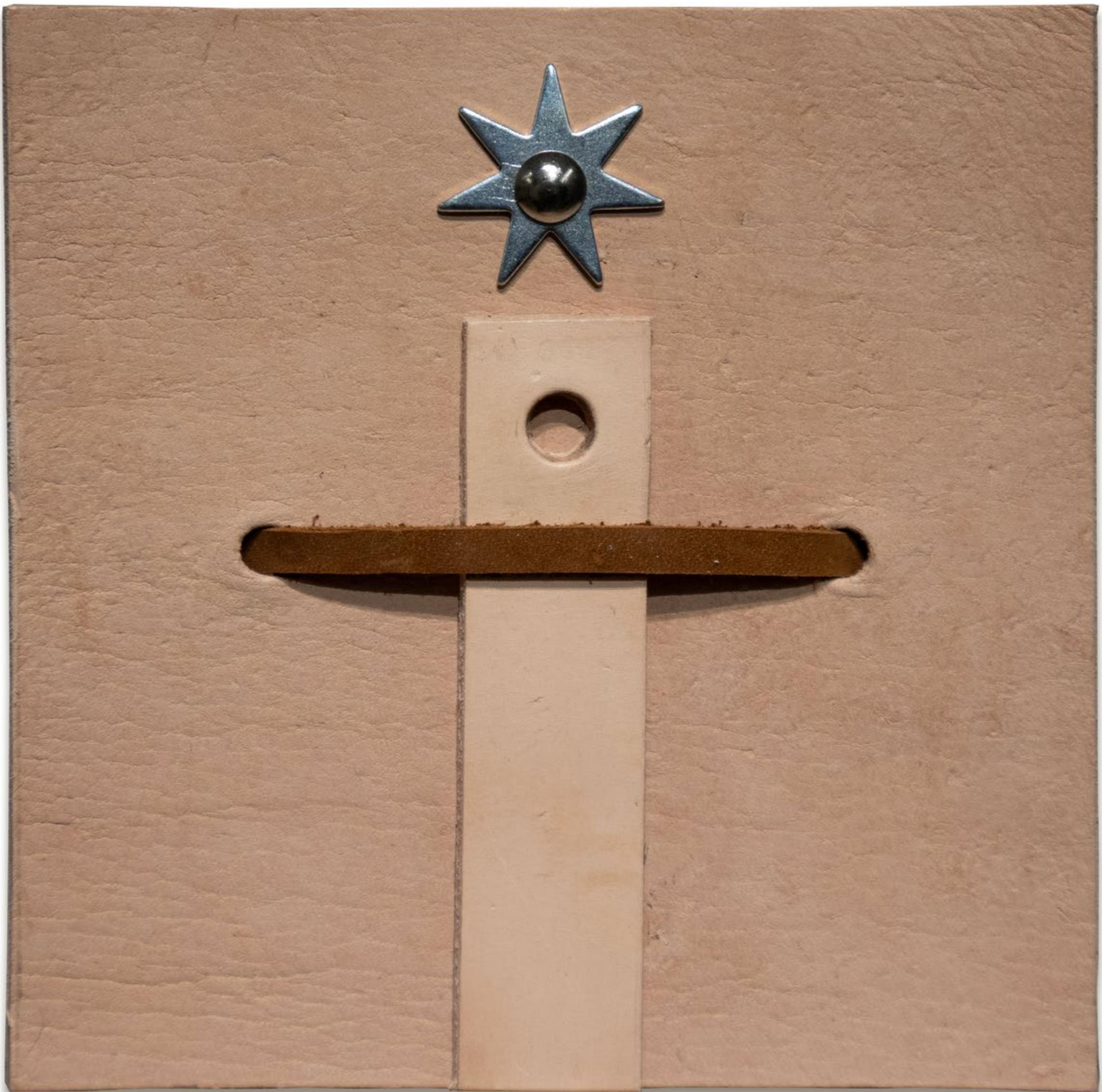


Azulejo #20, da série Azulejos, 2025

couro, pigmento e metal

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2284

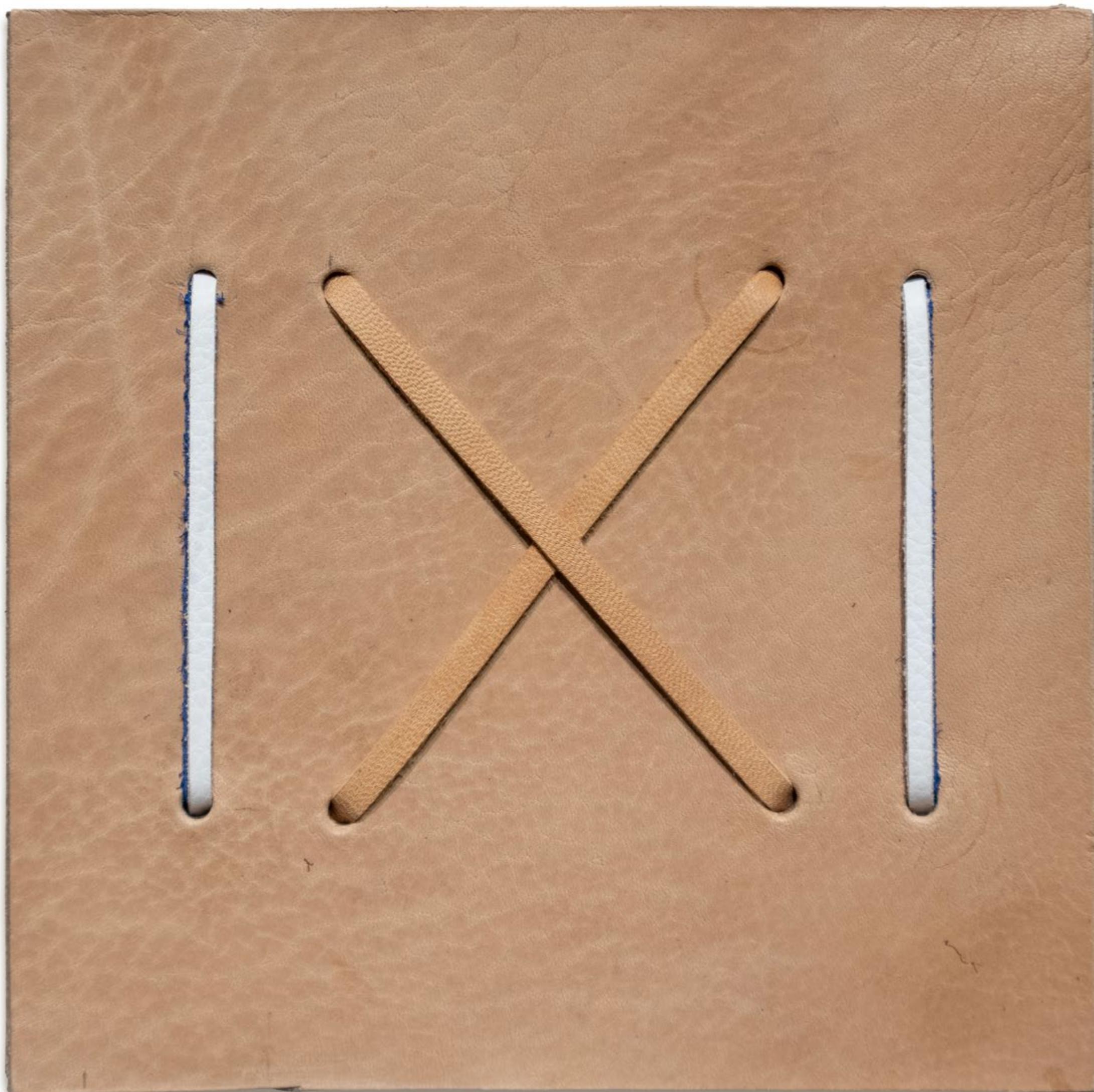


Azulejo #22, da série Azulejos, 2025

couro e metal

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2285

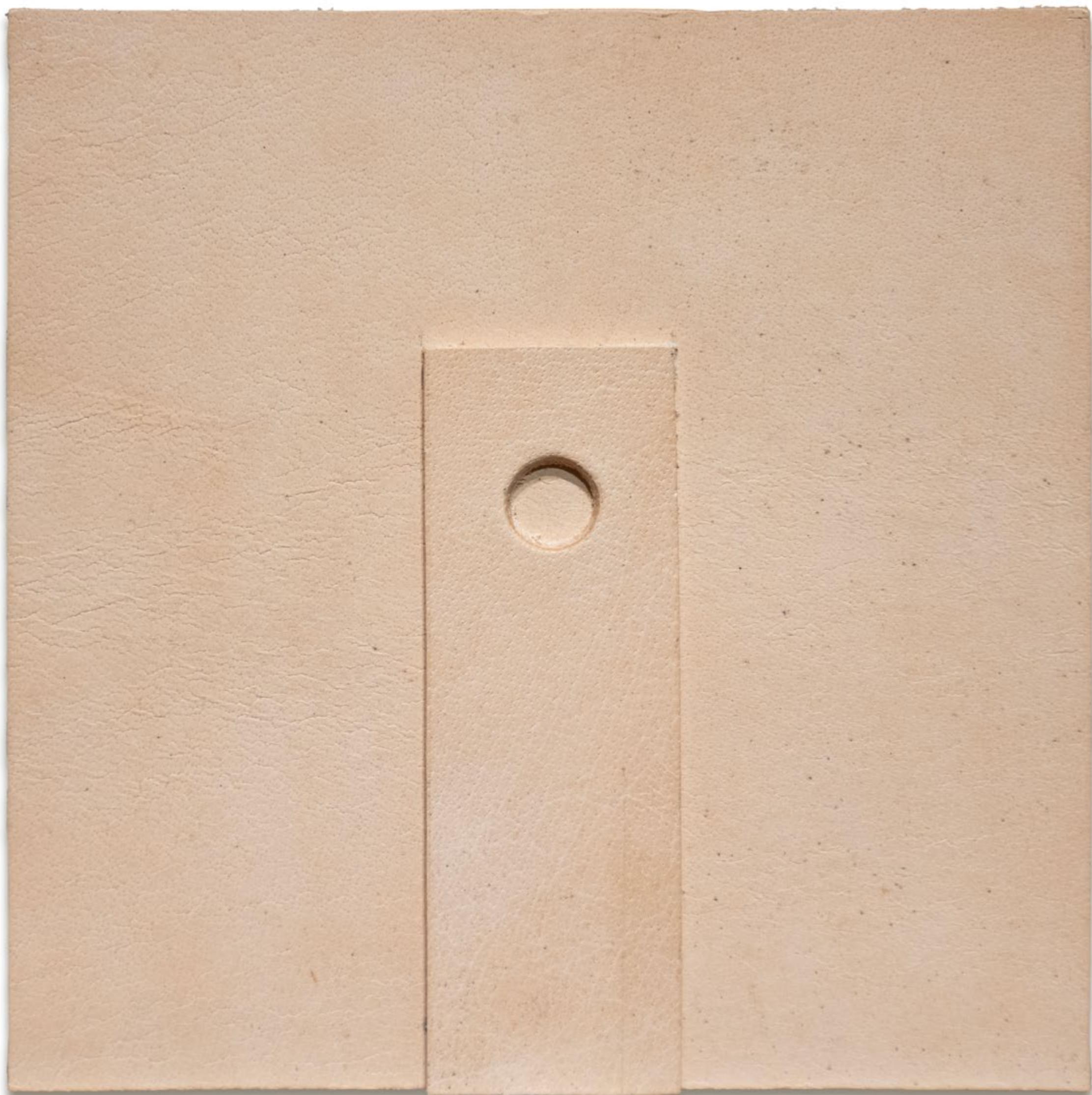


Azulejo #21, da série Azulejos, 2025

couro

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2286

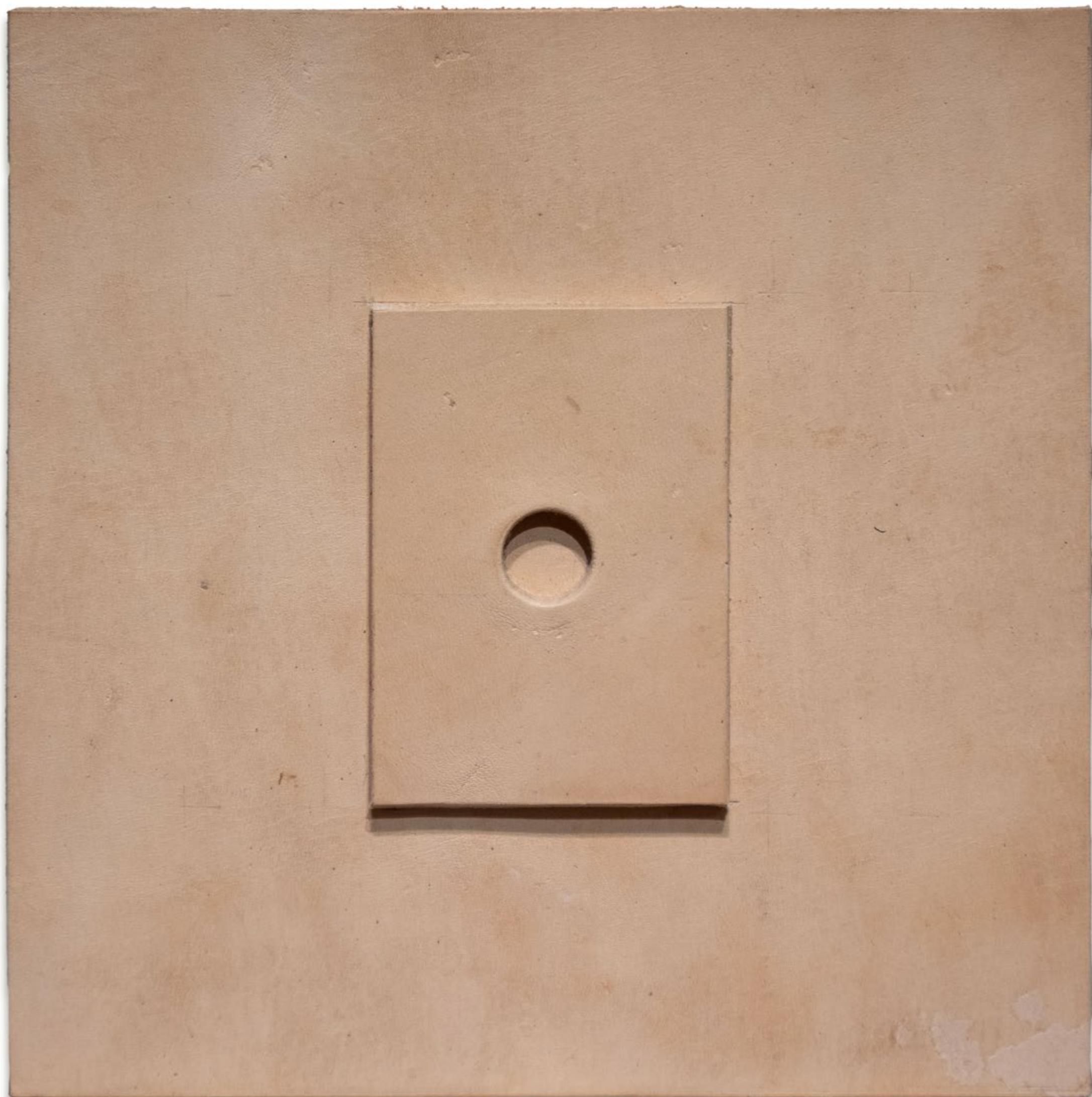


Azulejo #16, da série Azulejos, 2025

couro

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2287



Azulejo #15, da série Azulejos, 2025

couro

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2288

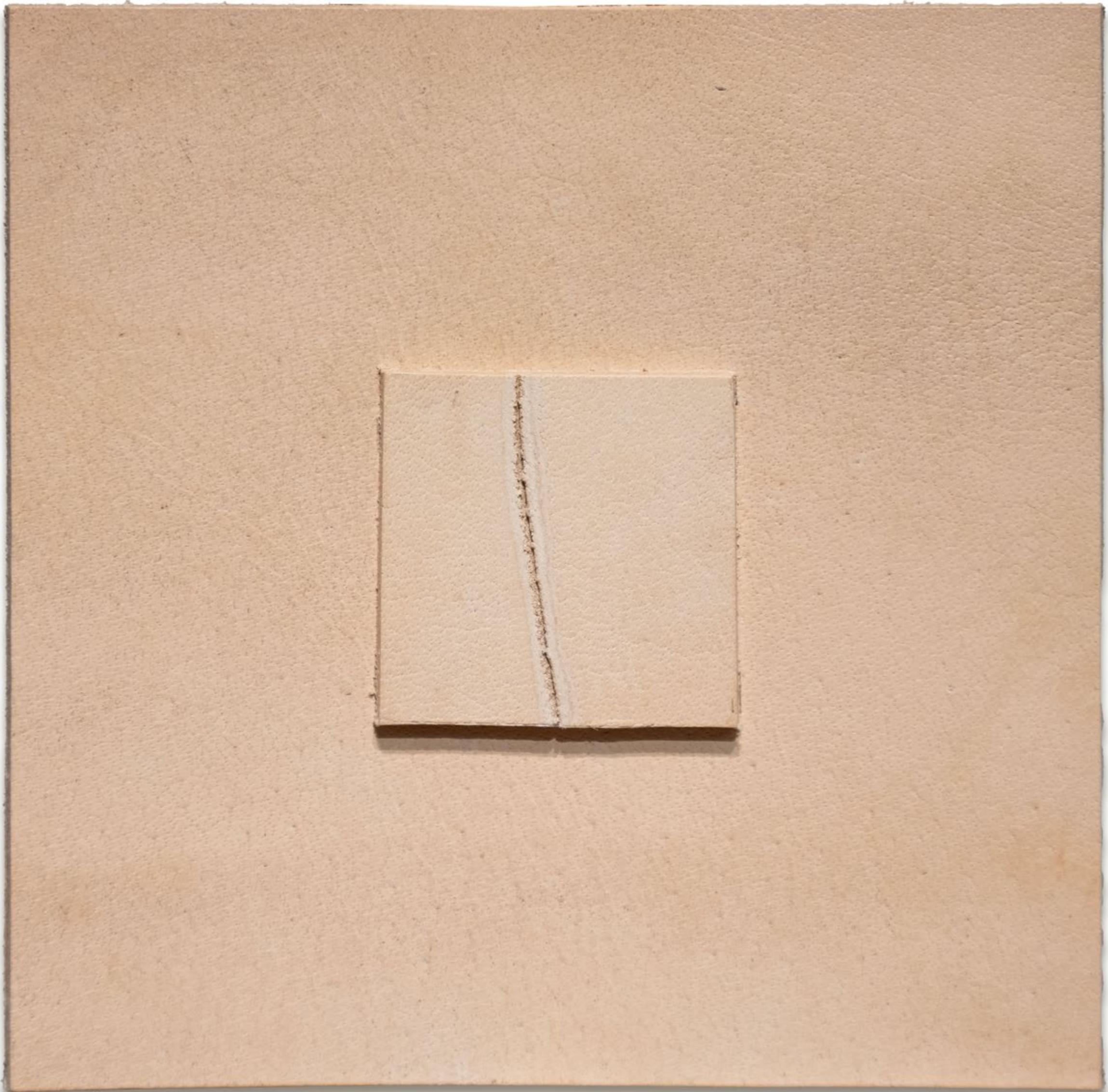


Azulejo #17, da série Azulejos, 2025

couro e cordão de algodão

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2289



Azulejo #14, da série Azulejos, 2025

couro

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2290



Azulejo #13, da série Azulejos, 2025

couro

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2291

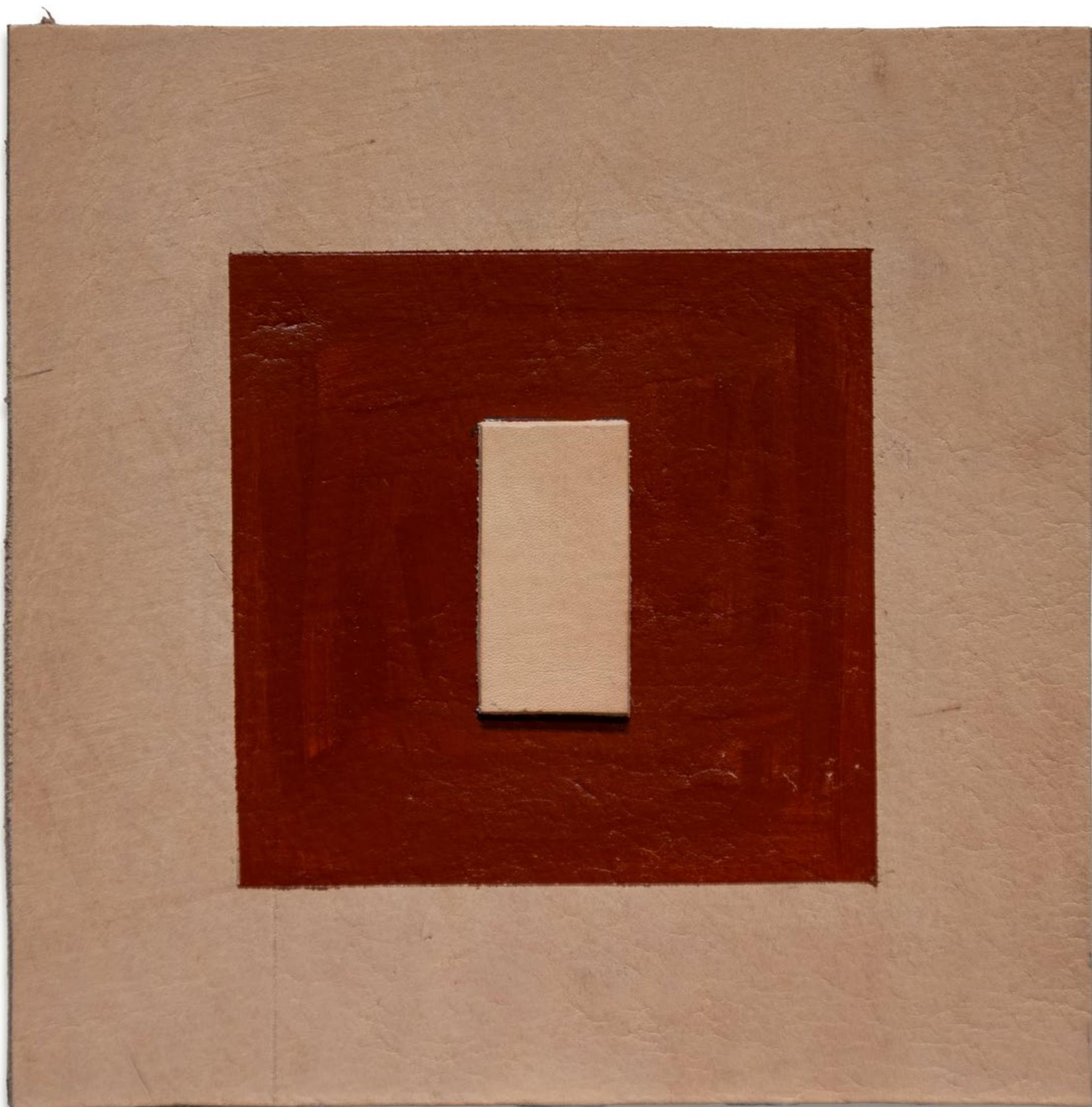


Azulejo #8, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2292

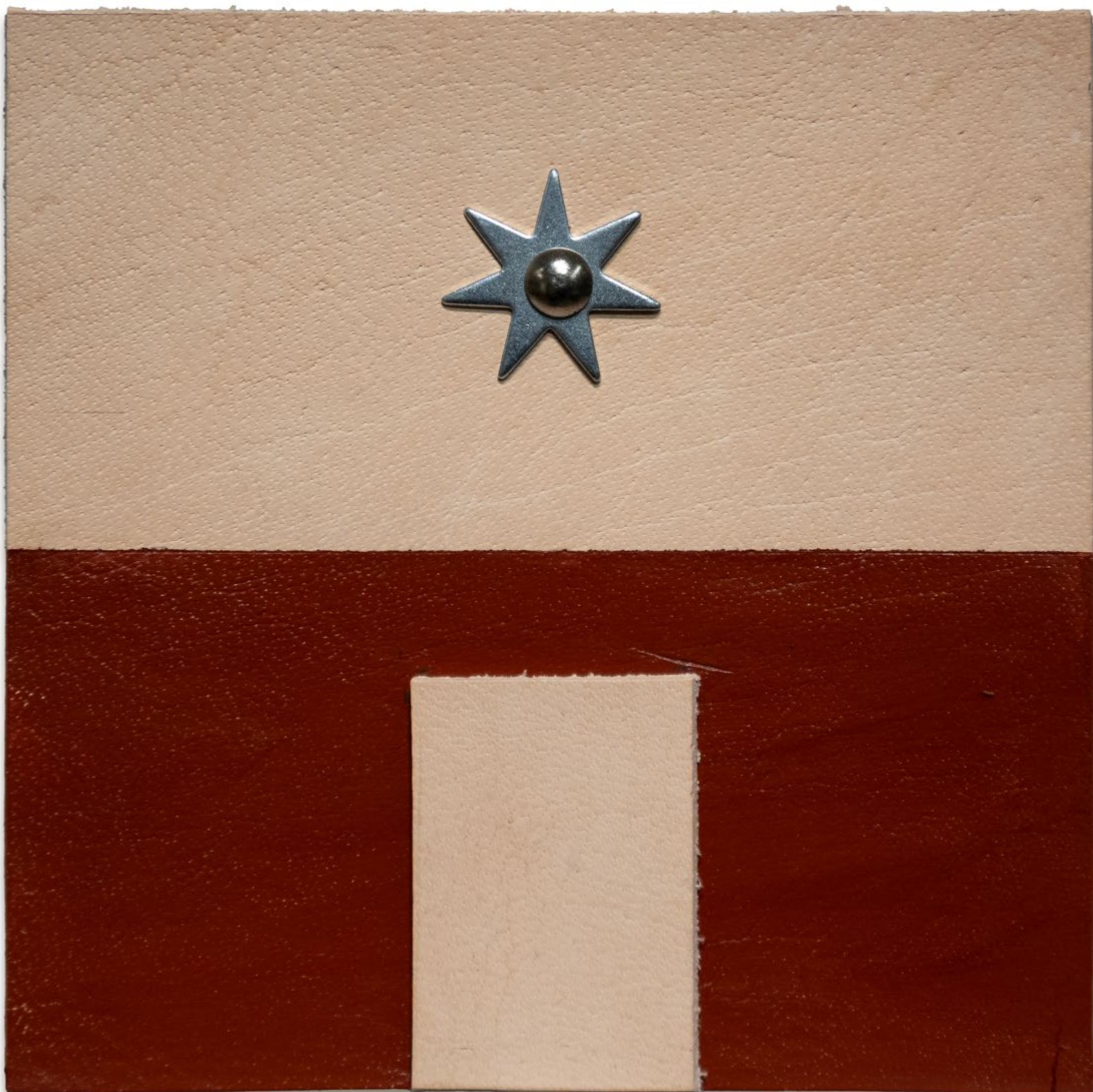


Azulejo #12, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2293

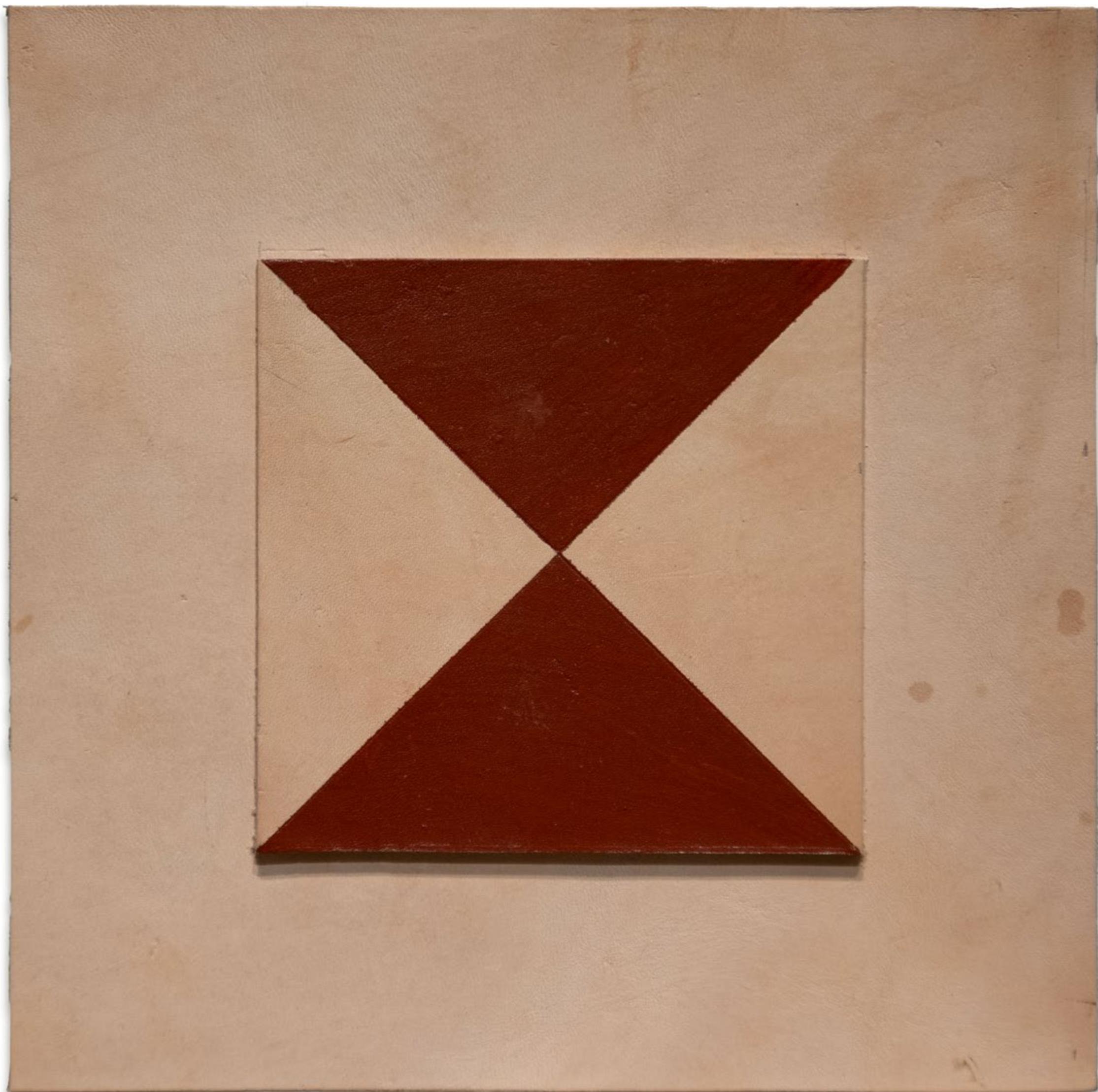


Azulejo #9, da série Azulejos, 2025

couro, pigmento e metal

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2294

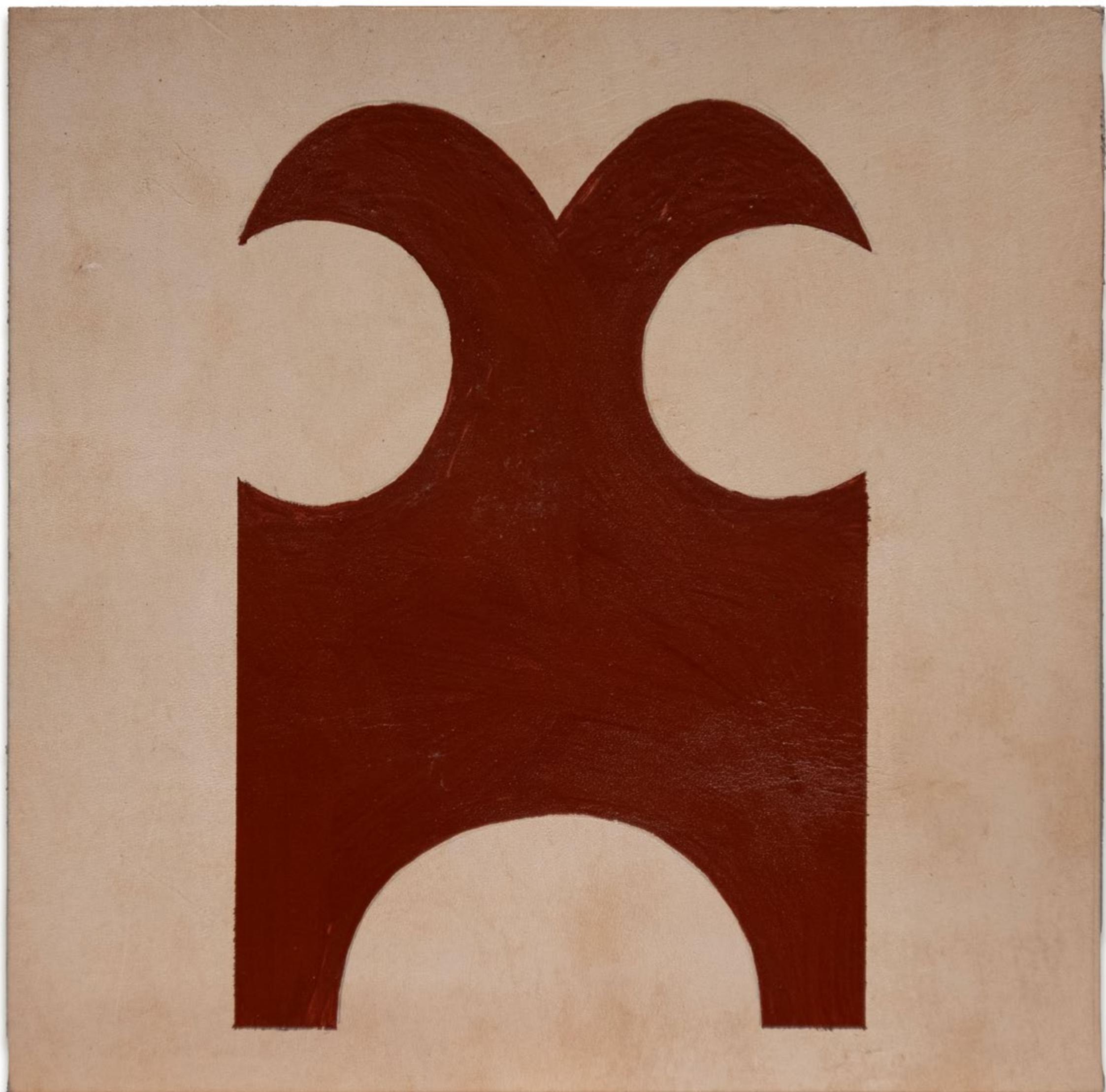


Azulejo #11, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2295

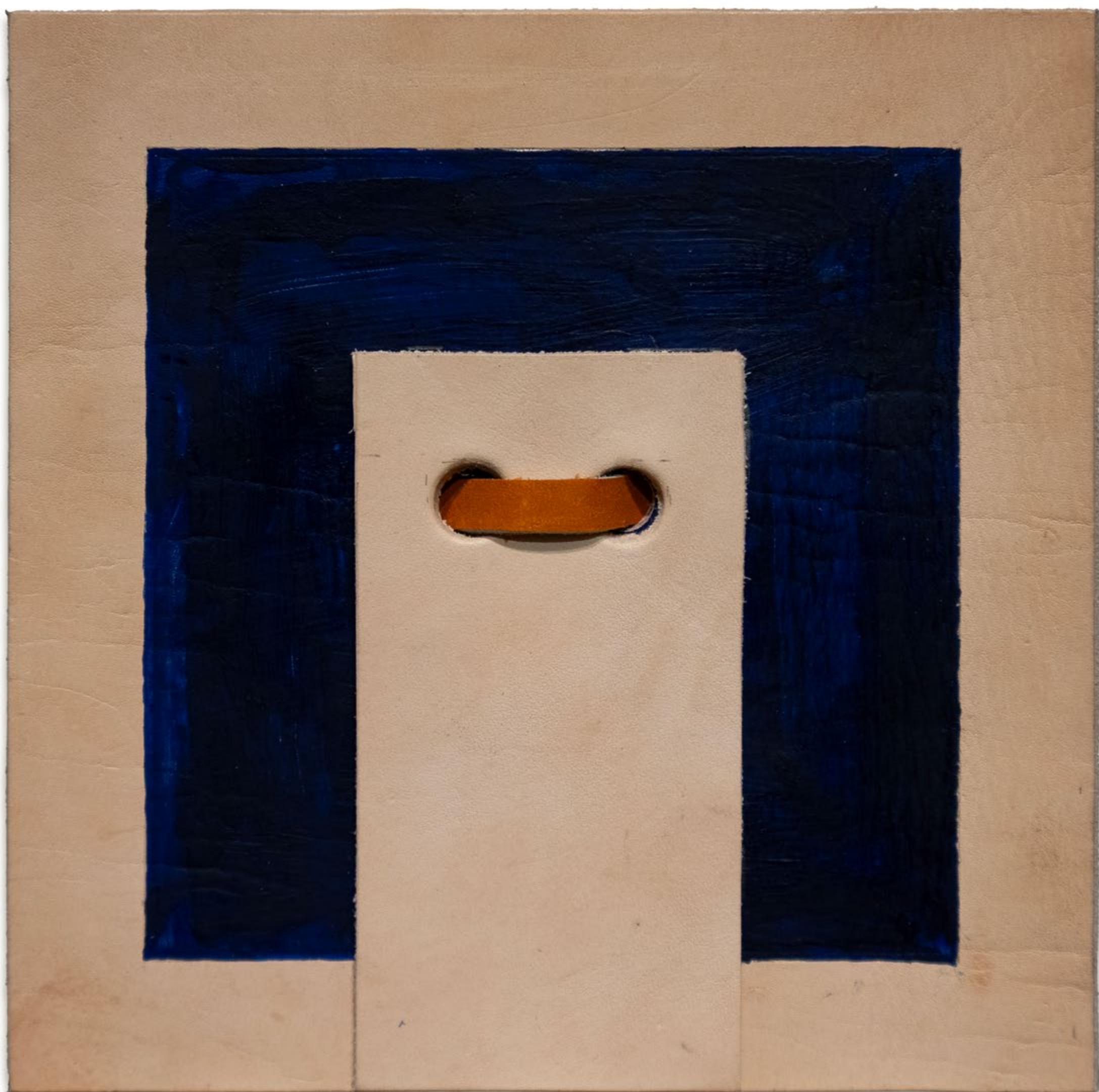


Azulejo #10, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2296



Azulejo #7, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2297

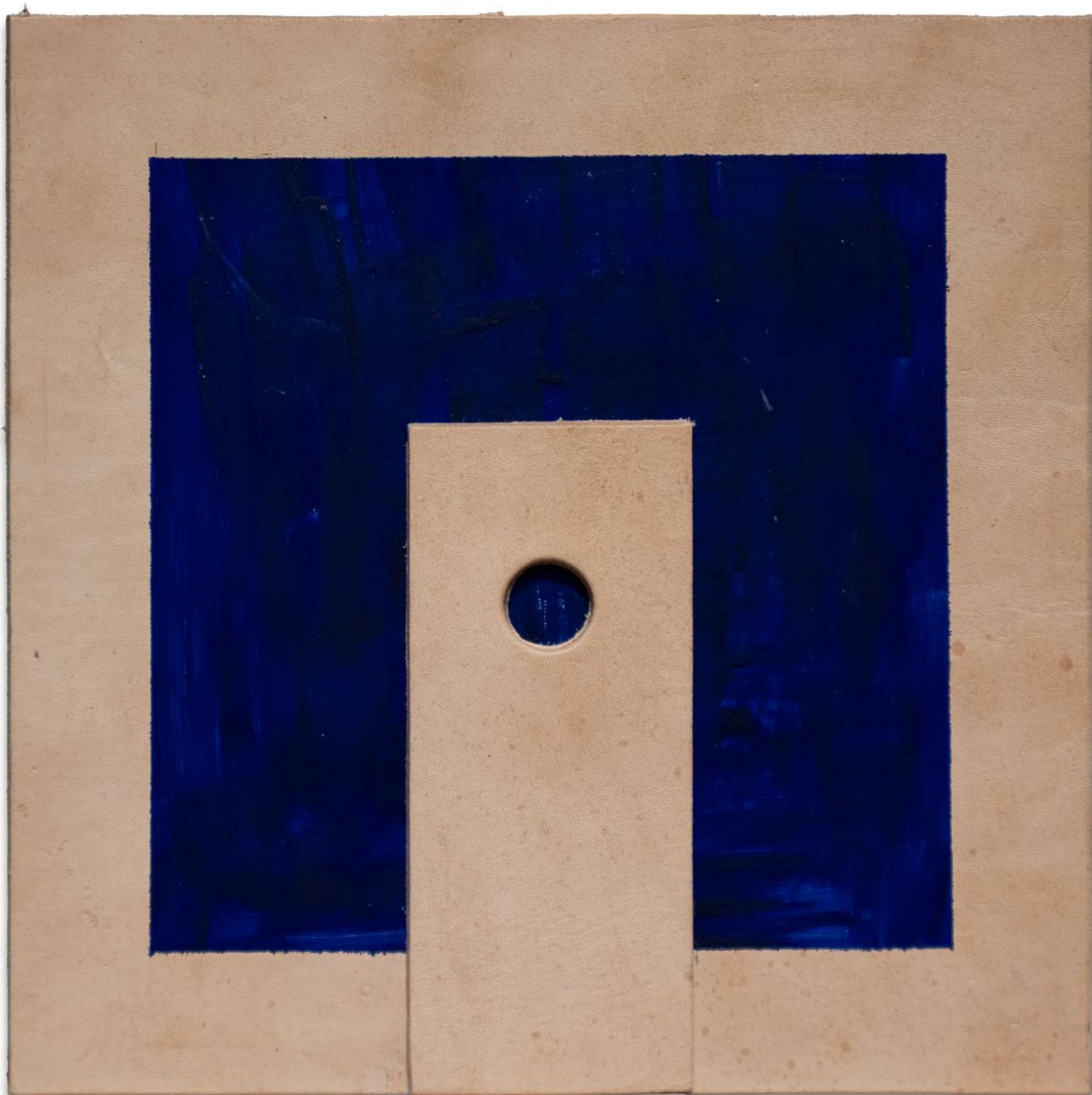


Azulejo #6, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2298

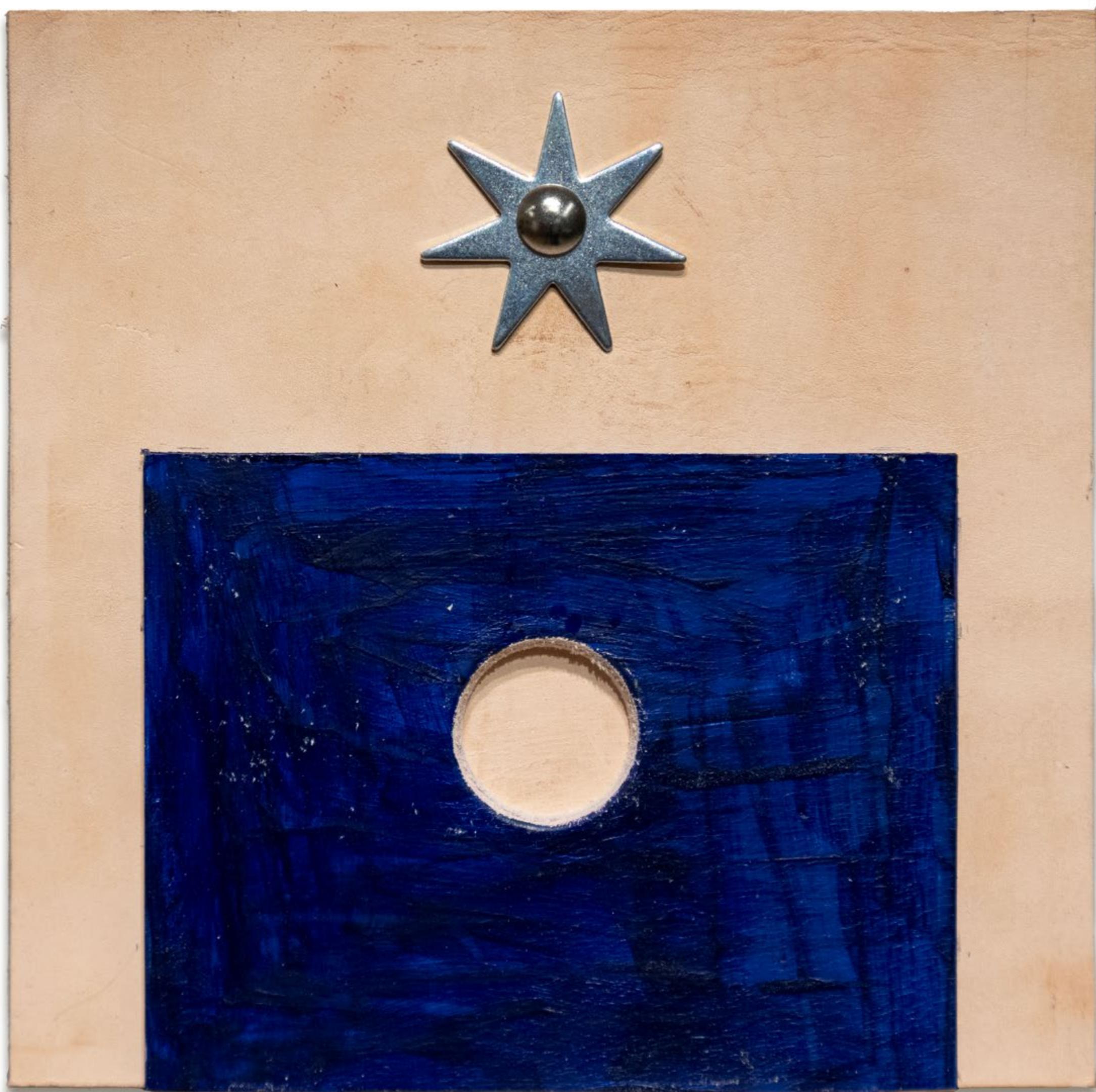


Azulejo #5, da série Azulejos, 2025

couro e pigmento

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2299



Azulejo #3, da série Azulejos, 2025

couro, pigmento e metal

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2300



Azulejo #4, da série Azulejos, 2025

couro, pigmento e metal

15 x 15 cm / [5 7/8 x 5 7/8 in]

GMZ.2301



Paisagem nordestina 16, 2025

carvão sobre papelão

80 x 50 cm / [31 1/2 x 19 3/4 in]

GMZ.2238

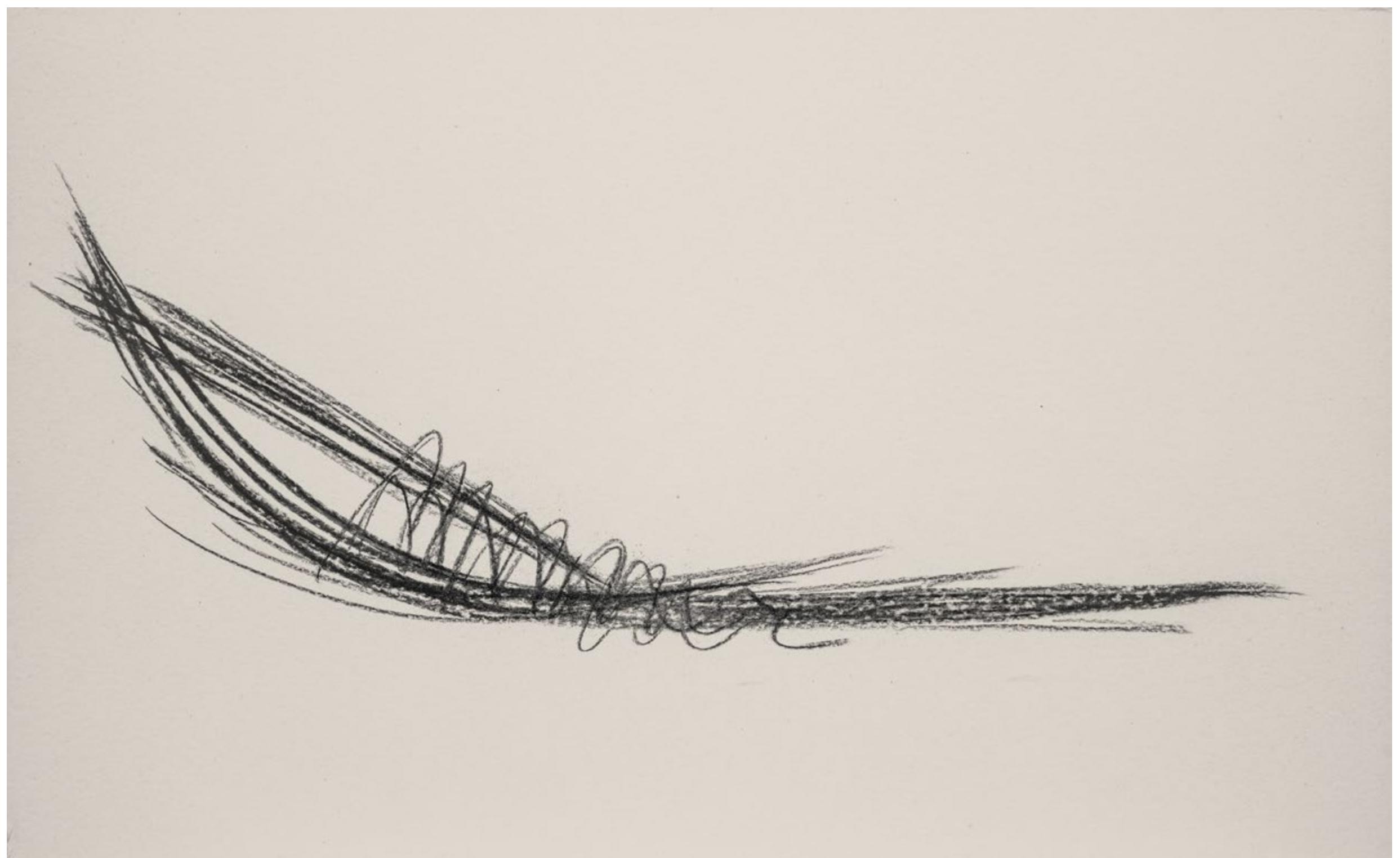


Paisagem nordestina 17, 2025

carvão sobre papelão

80 x 50 cm / [31 1/2 x 19 3/4 in]

GMZ.2239

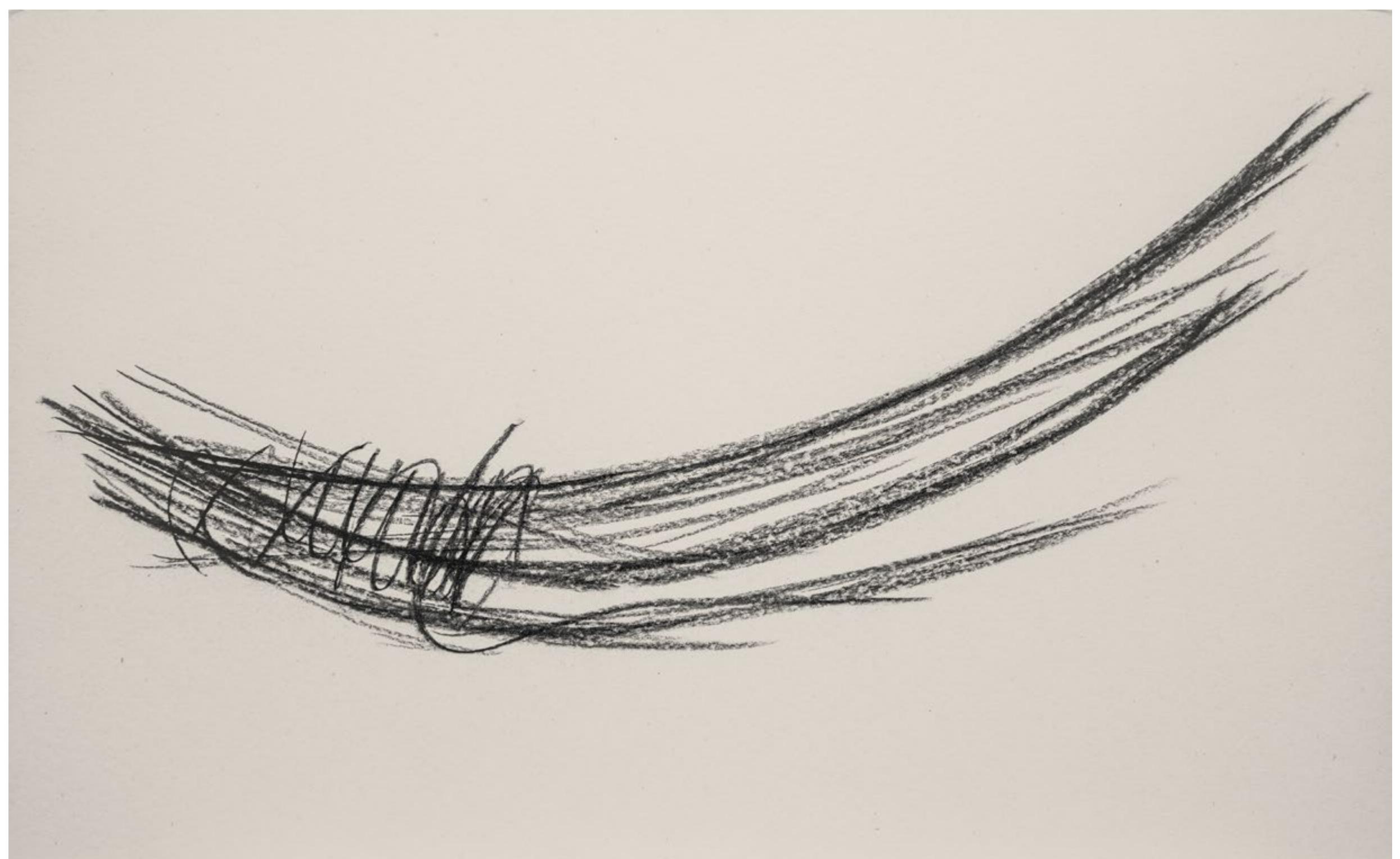


Paisagem nordestina 19, 2025

carvão sobre papelão

50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]

GMZ.2241



Paisagem nordestina 20, 2025
carvão sobre papelão
50 x 80 cm / [19 3/4 x 31 1/2 in]
GMZ.2242

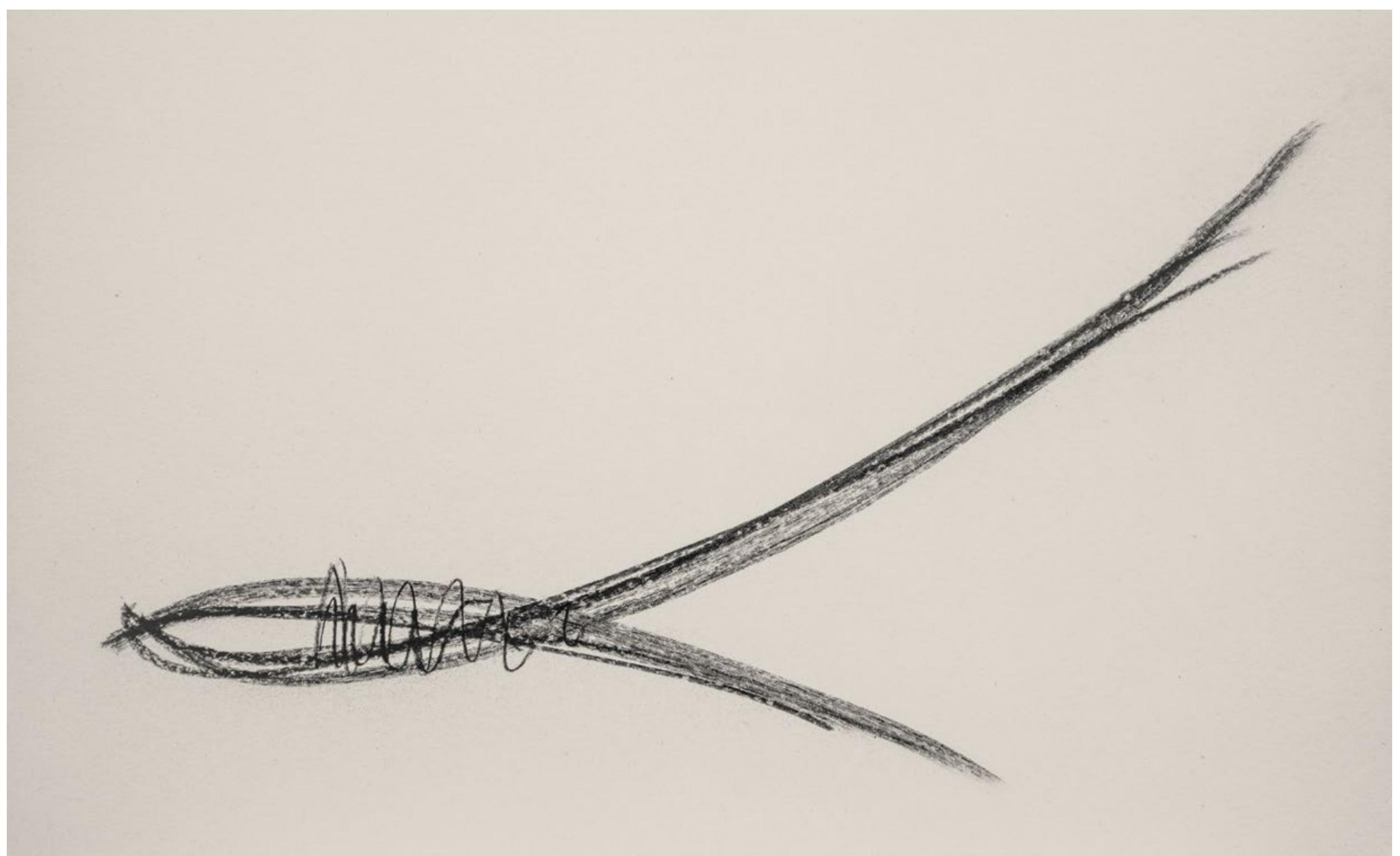


Paisagem nordestina 21, 2025

carvão sobre papelão

50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]

GMZ.2466

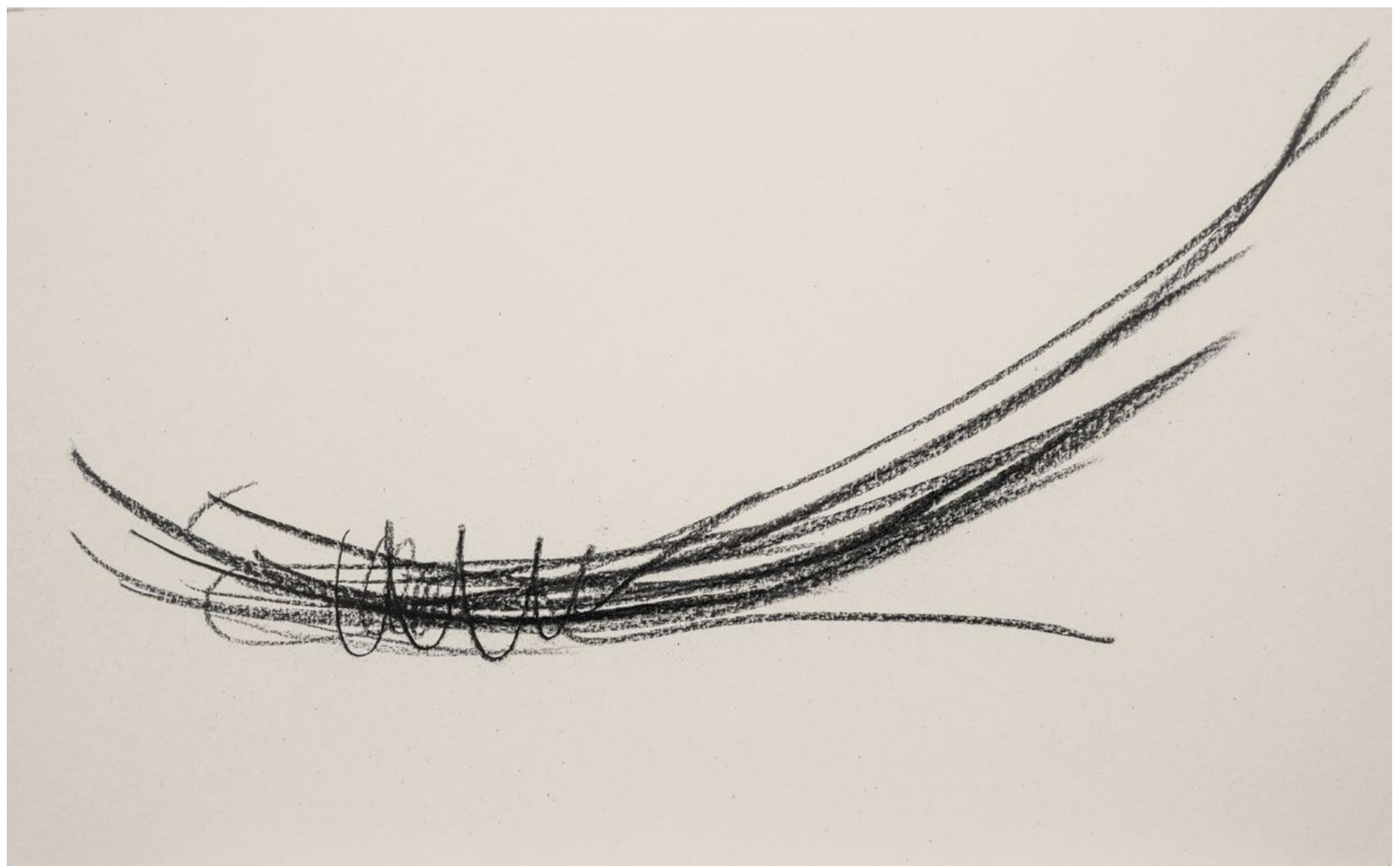


Paisagem nordestina 22, 2025

carvão sobre papelão

50 x 80 cm / [19 3/4 x 31 1/2 in]

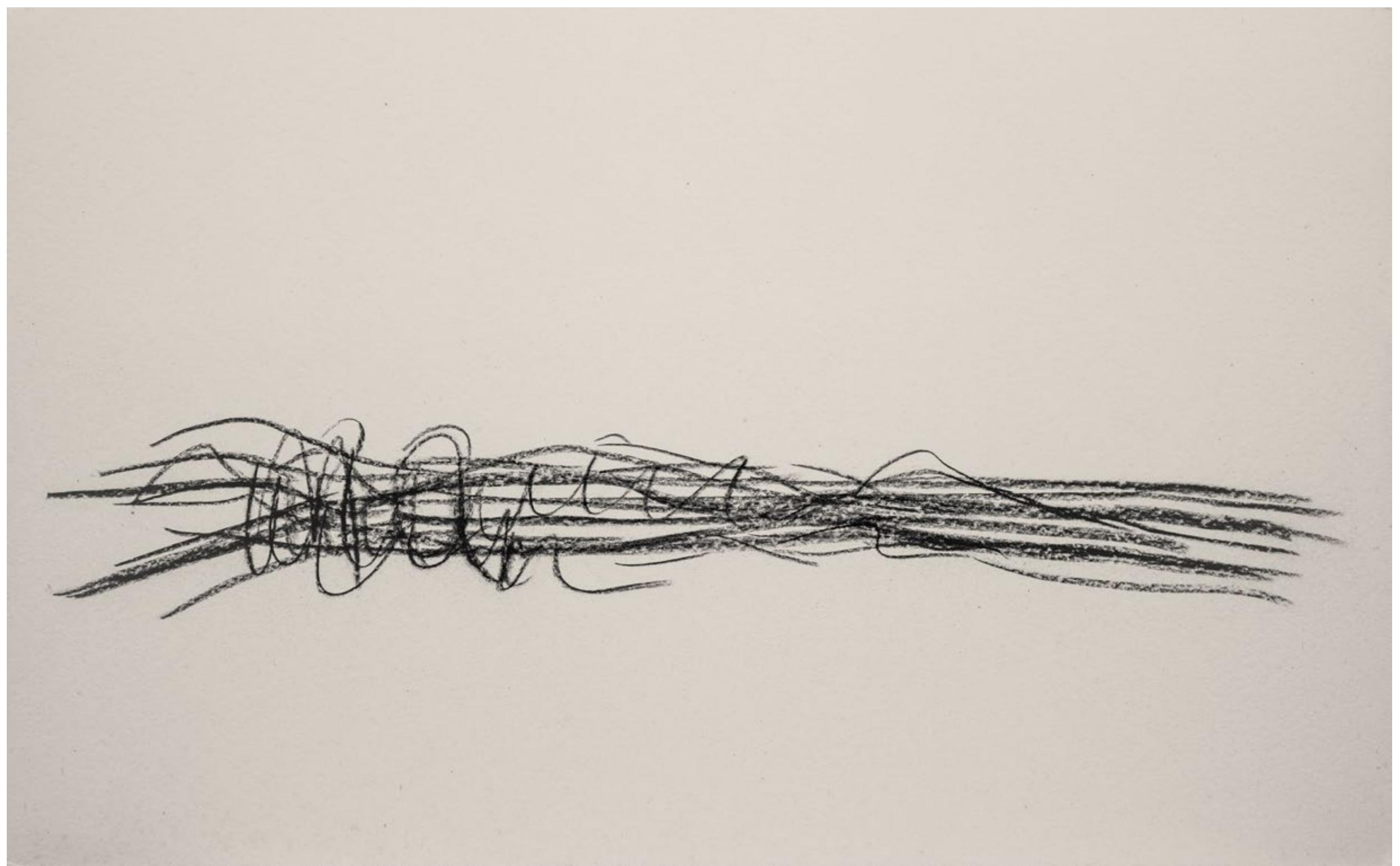
GMZ.2467



Paisagem nordestina 23, 2025
carvão sobre papelão
50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]
GMZ.2468



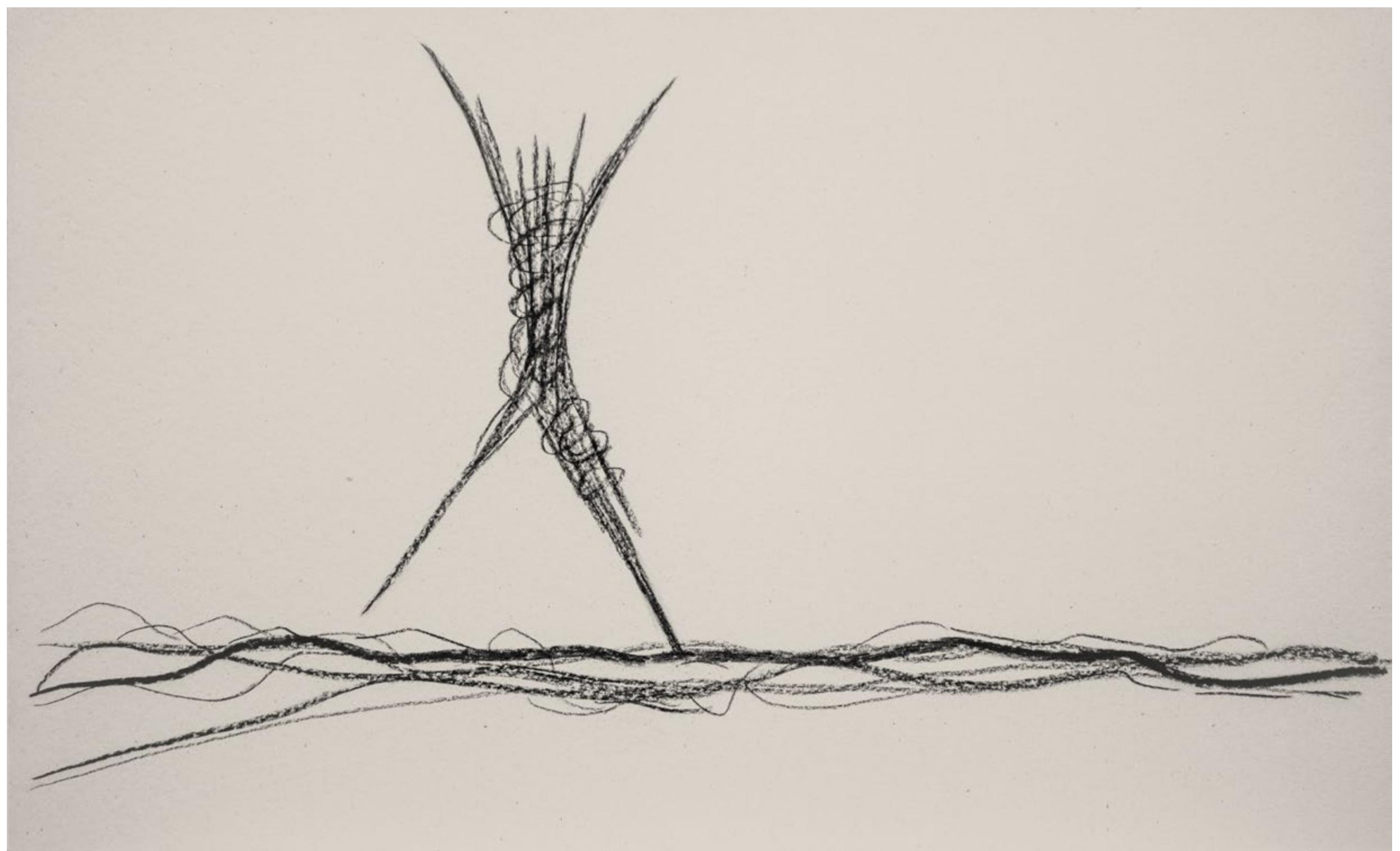
Paisagem nordestina 24, 2025
carvão sobre papelão
50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]
GMZ.2469



Paisagem nordestina 25, 2025
carvão sobre papelão
50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]
GMZ.2470



Paisagem nordestina 26, 2025
carvão sobre papelão
50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]
GMZ.2471



Paisagem nordestina 27, 2025

carvão sobre papelão

50 x 80 cm / [19 ¾ x 31 ½ in]

GMZ.2472



Paisagem nordestina 28, 2025

carvão sobre papelão

50 x 80 cm / [19 3/4 x 31 1/2 in]

GMZ.2473

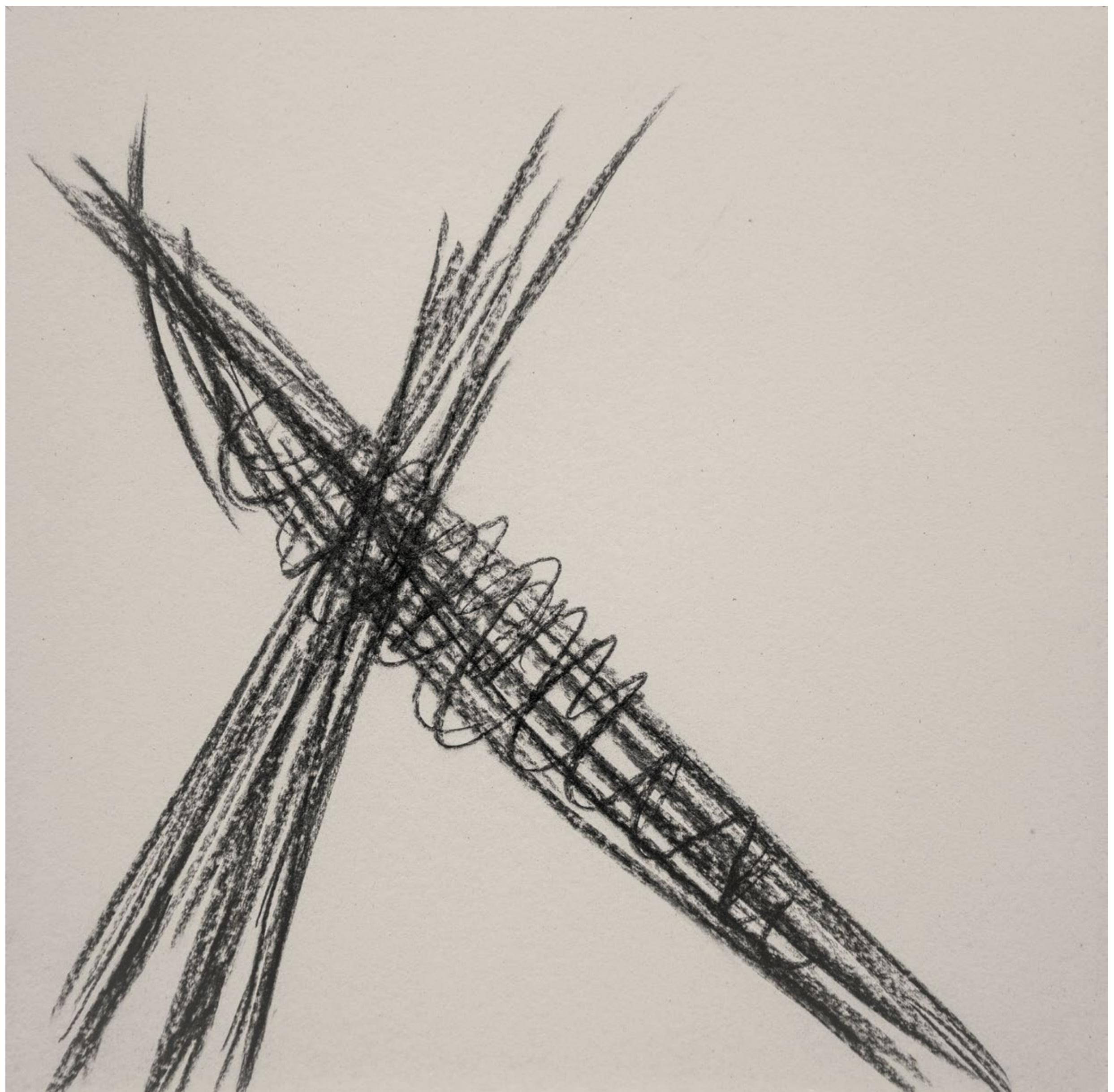


Paisagem nordestina 29, 2025

carvão sobre papelão

50 x 80 cm / [19 3/4 x 31 1/2 in]

GMZ.2474

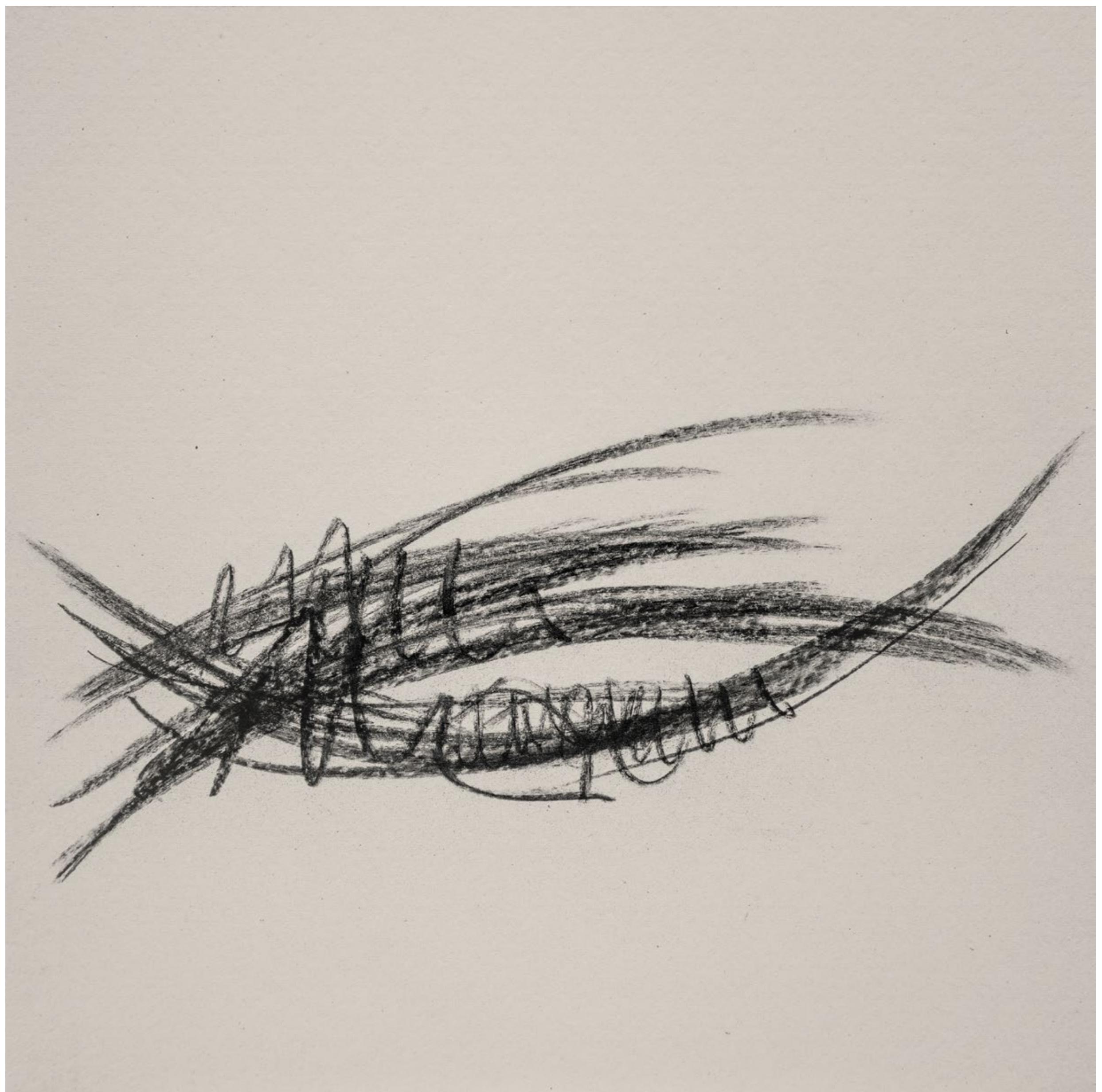


Paisagem nordestina 30, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2475



Paisagem nordestina 31, 2025

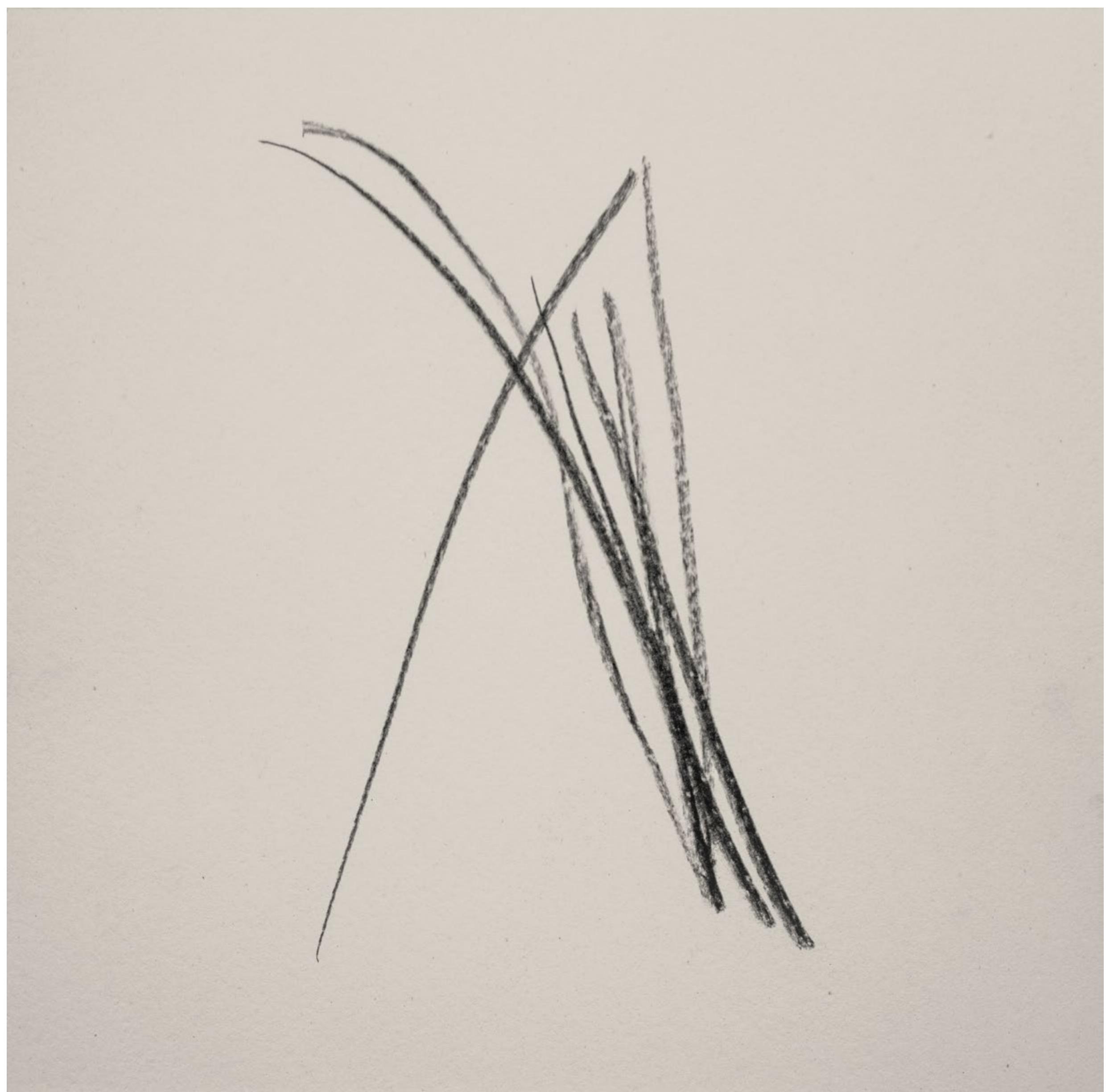
carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

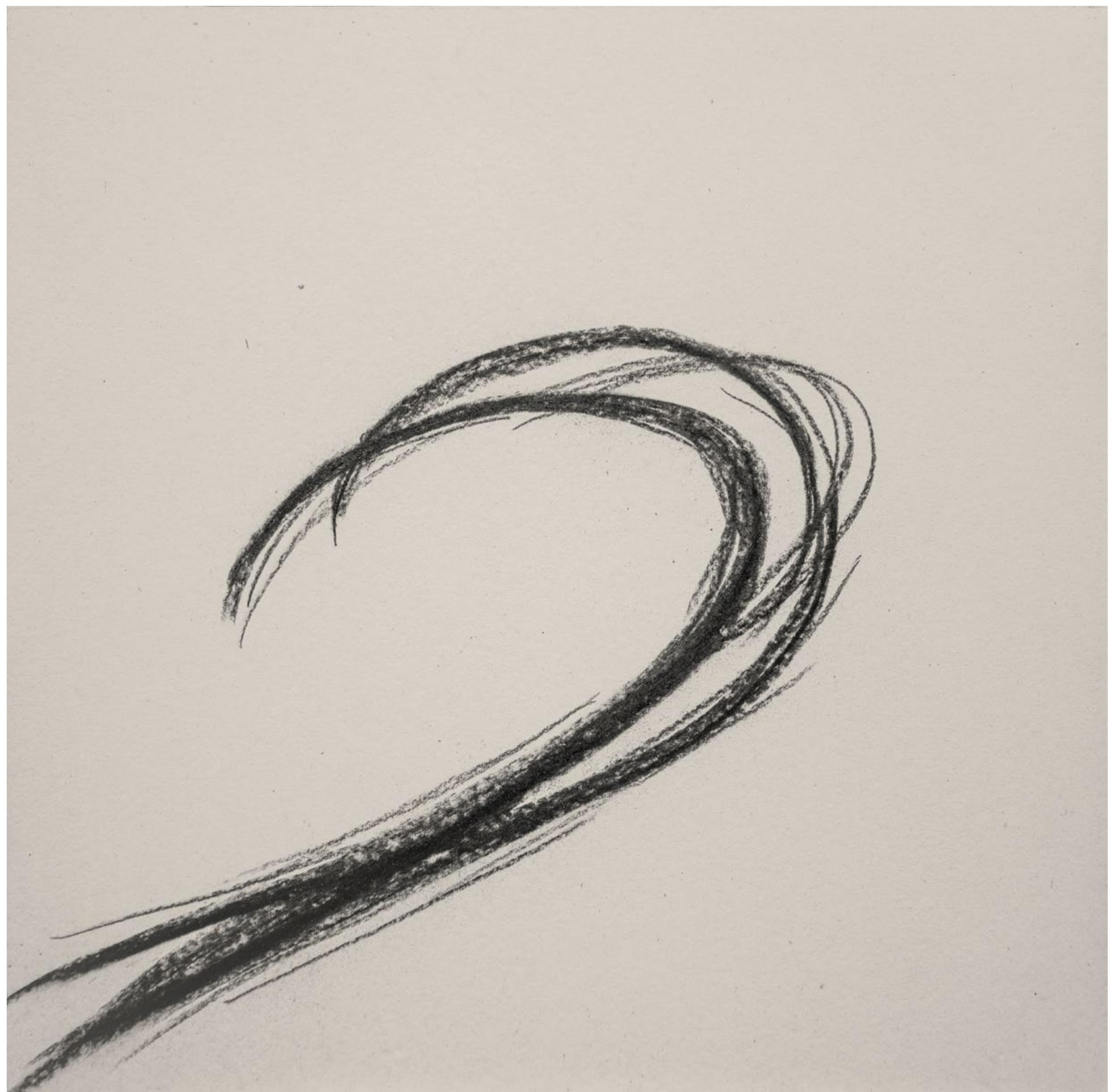
GMZ.2476



Paisagem nordestina 32, 2025
carvão sobre papelão
50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]
GMZ.2477



Paisagem nordestina 33, 2025
carvão sobre papelão
50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]
GMZ.2478



Paisagem nordestina 34, 2025
carvão sobre papelão
50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]
GMZ.2479



Paisagem nordestina 35, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2480

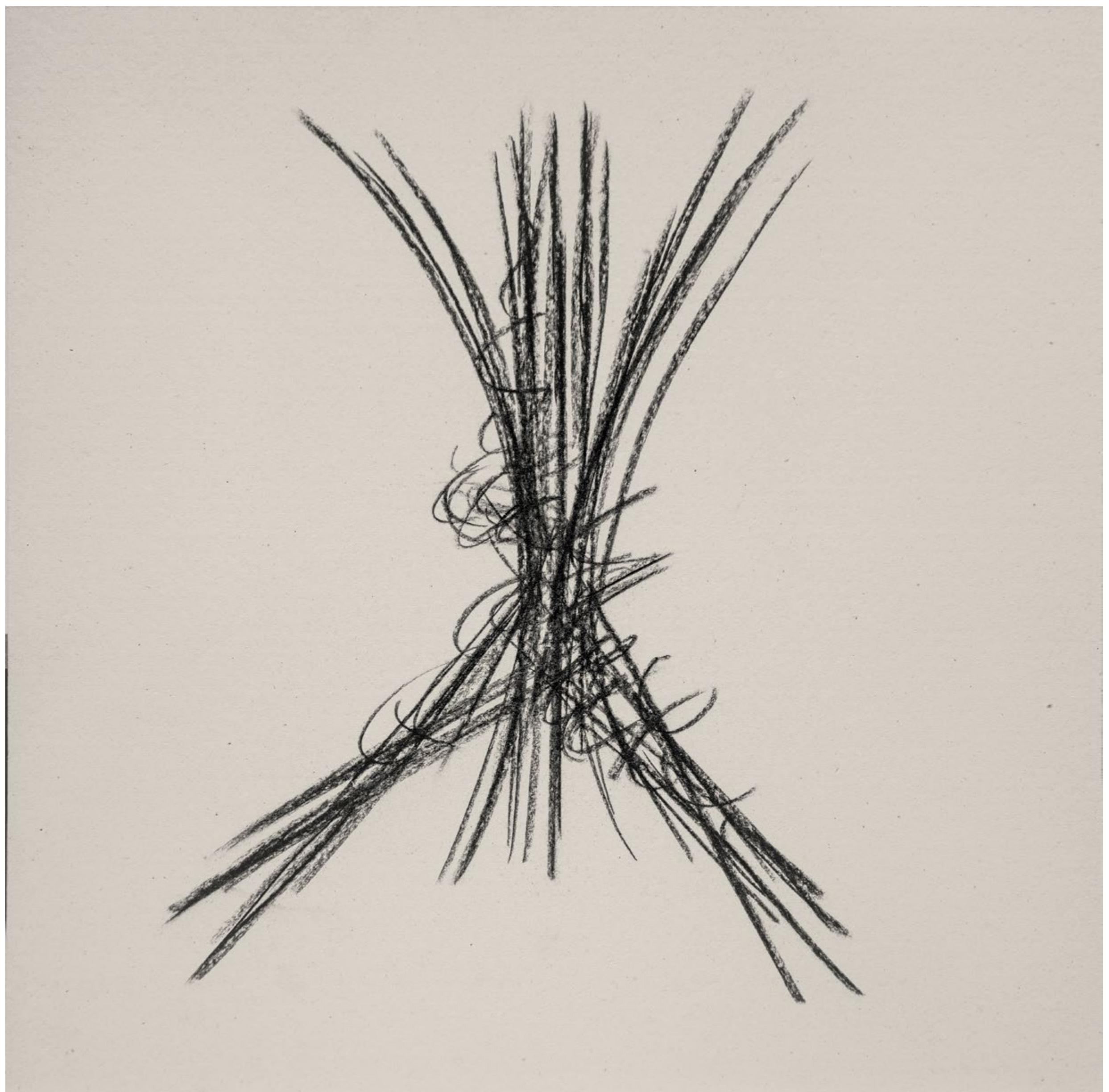


Paisagem nordestina 36, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2481

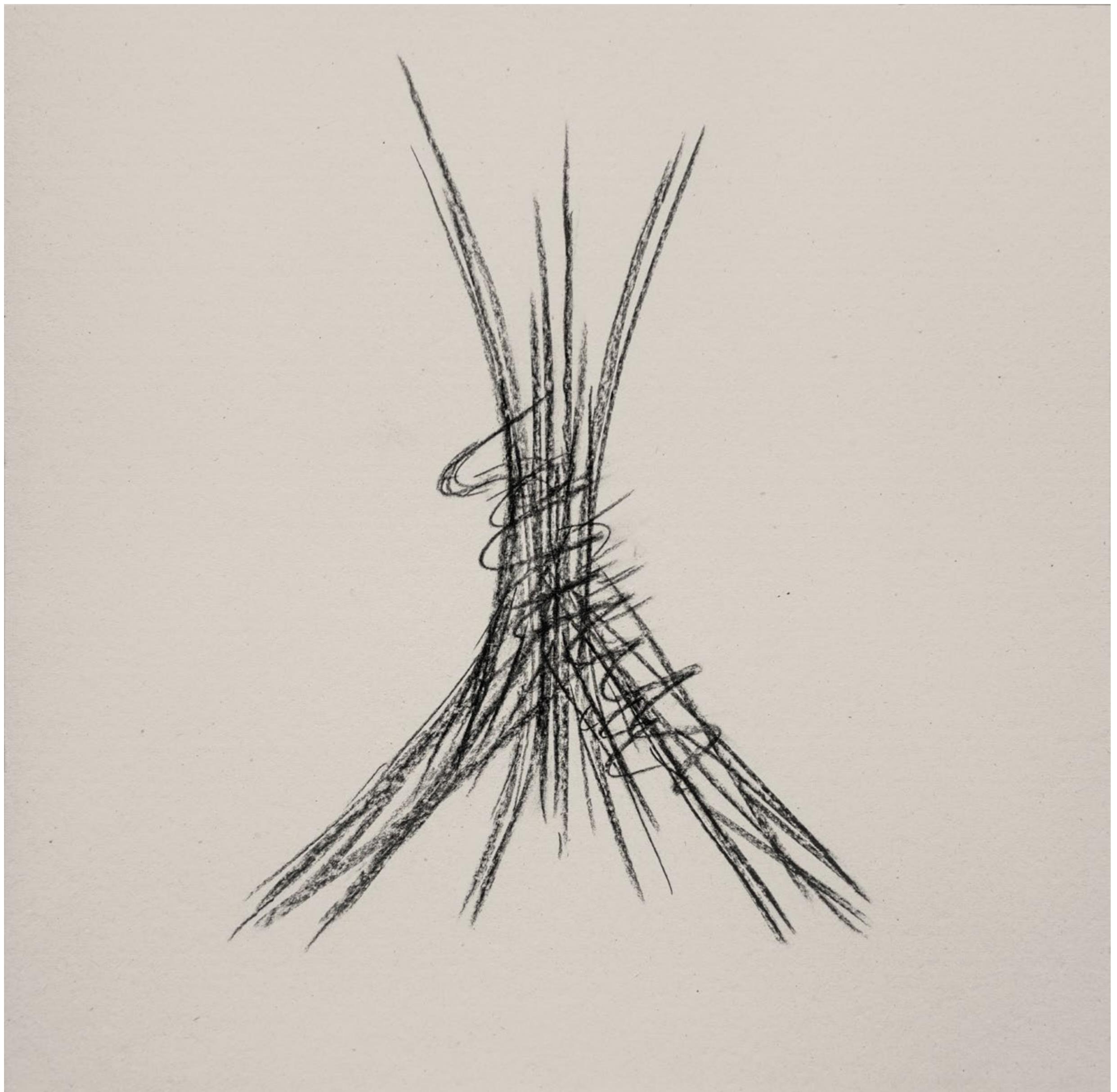


Paisagem nordestina 37, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2482

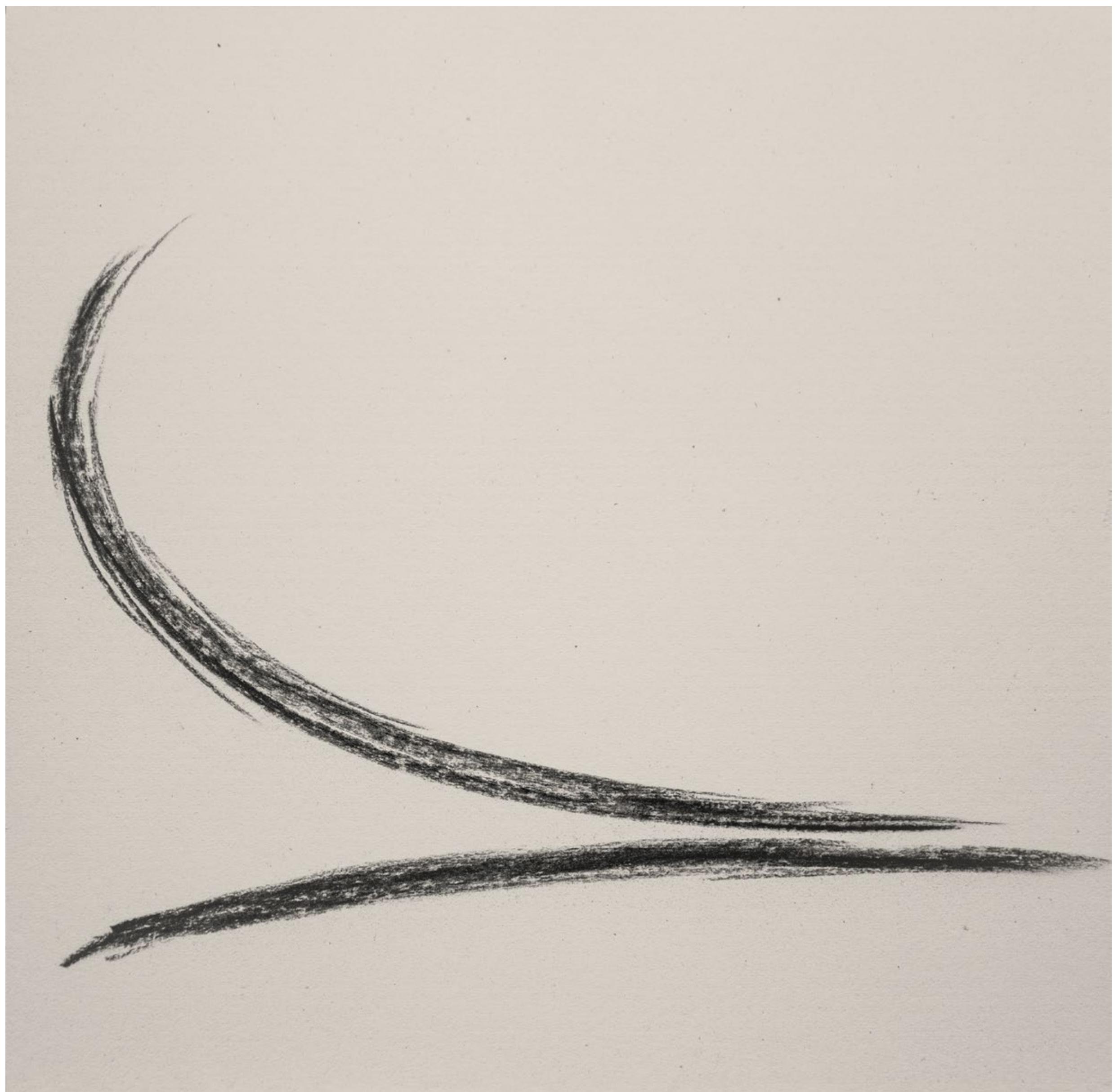


Paisagem nordestina 38, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2483

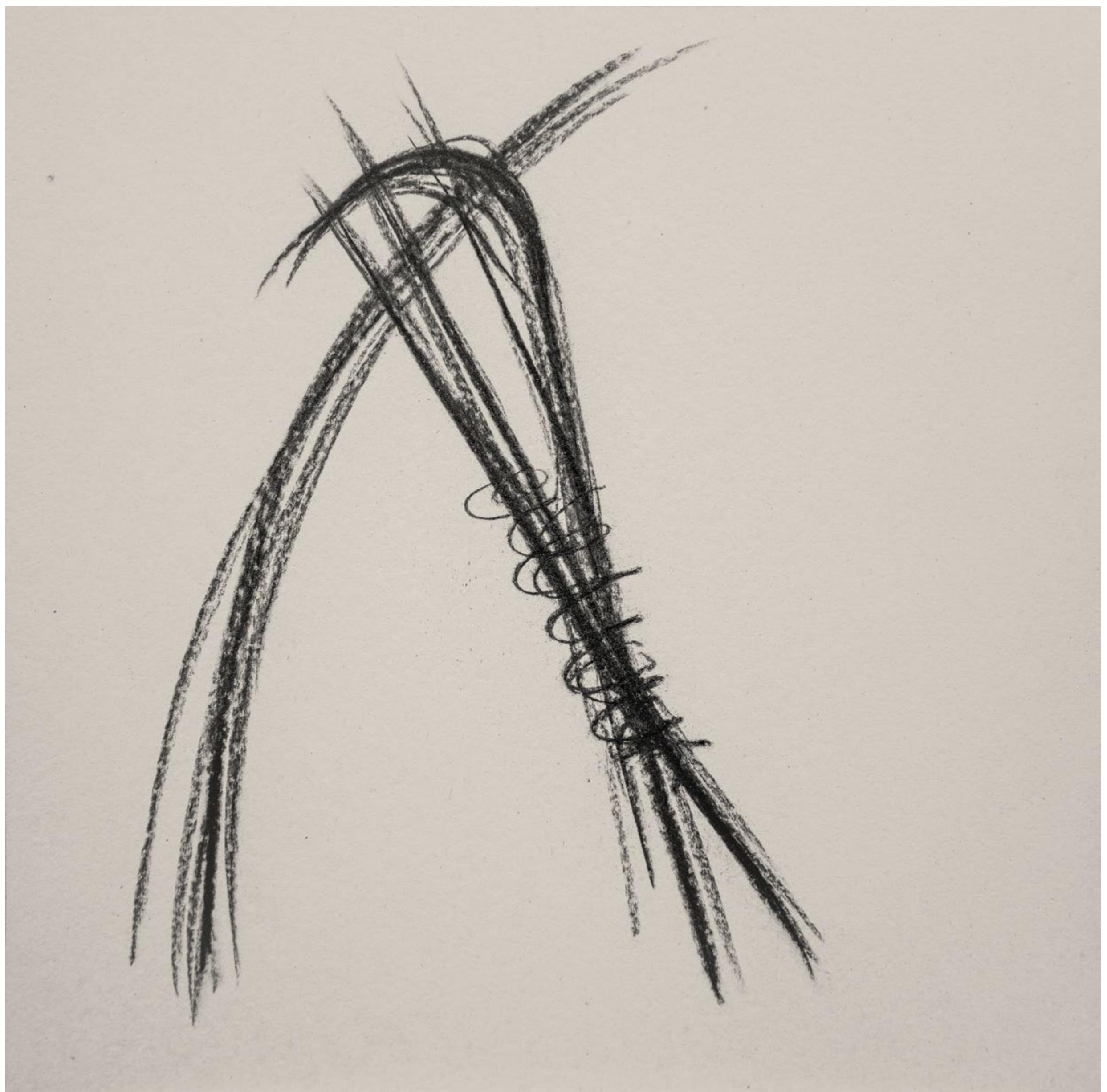


Paisagem nordestina 39, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2484

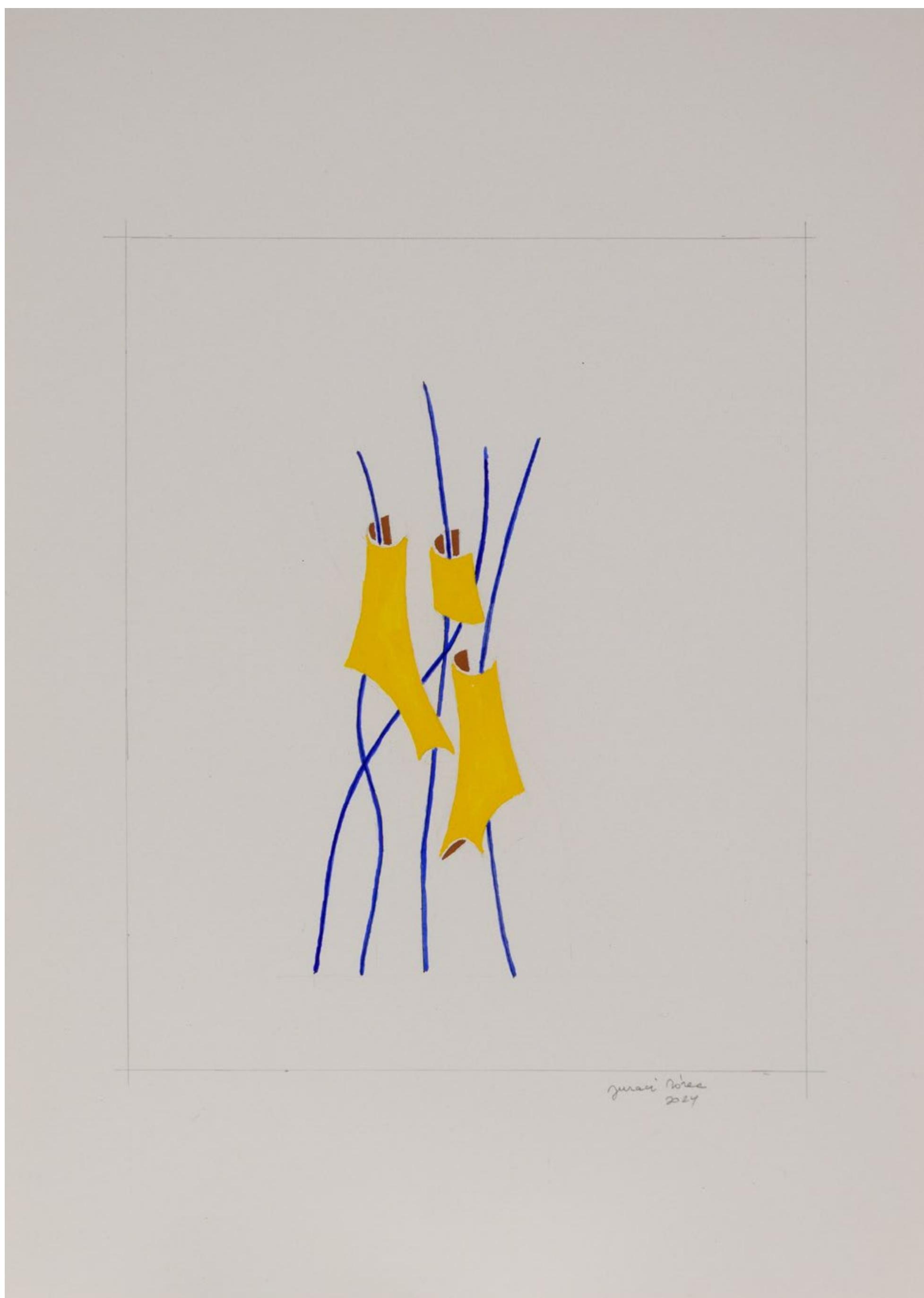


Paisagem nordestina 40, 2025

carvão sobre papelão

50 x 50 cm / [19 ¾ x 19 ¾ in]

GMZ.2485



Sem título 01, da série 05, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ.2257



Sem título 02, da série 05, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ. 2254



Sem título 03, da série 05, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2255



Sem título 04, da série 05, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2253



Sem título 06, da série 05, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2256

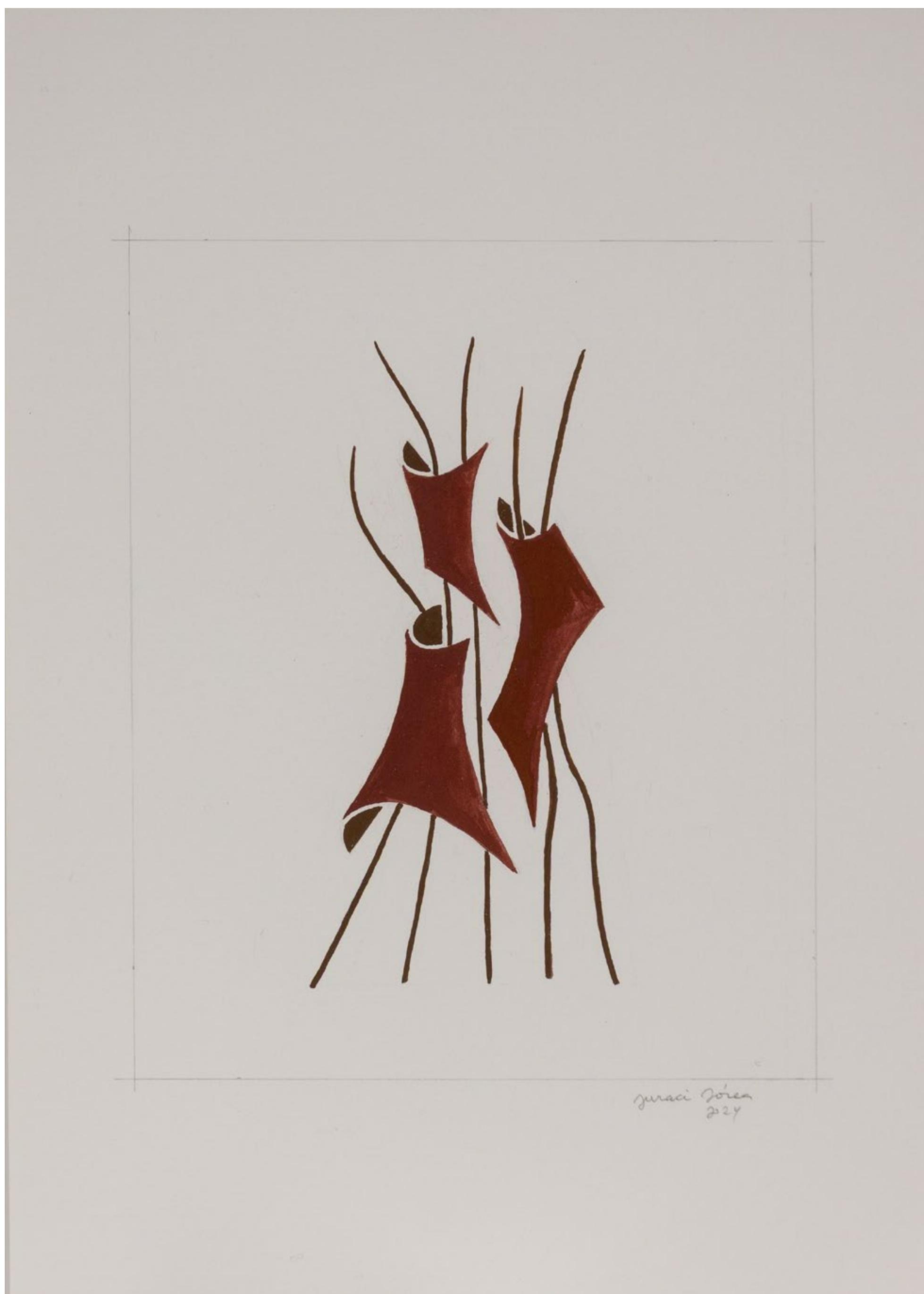


Sem título 07, da série 05, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ. 2251



Sem título 08, da série 05, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2250

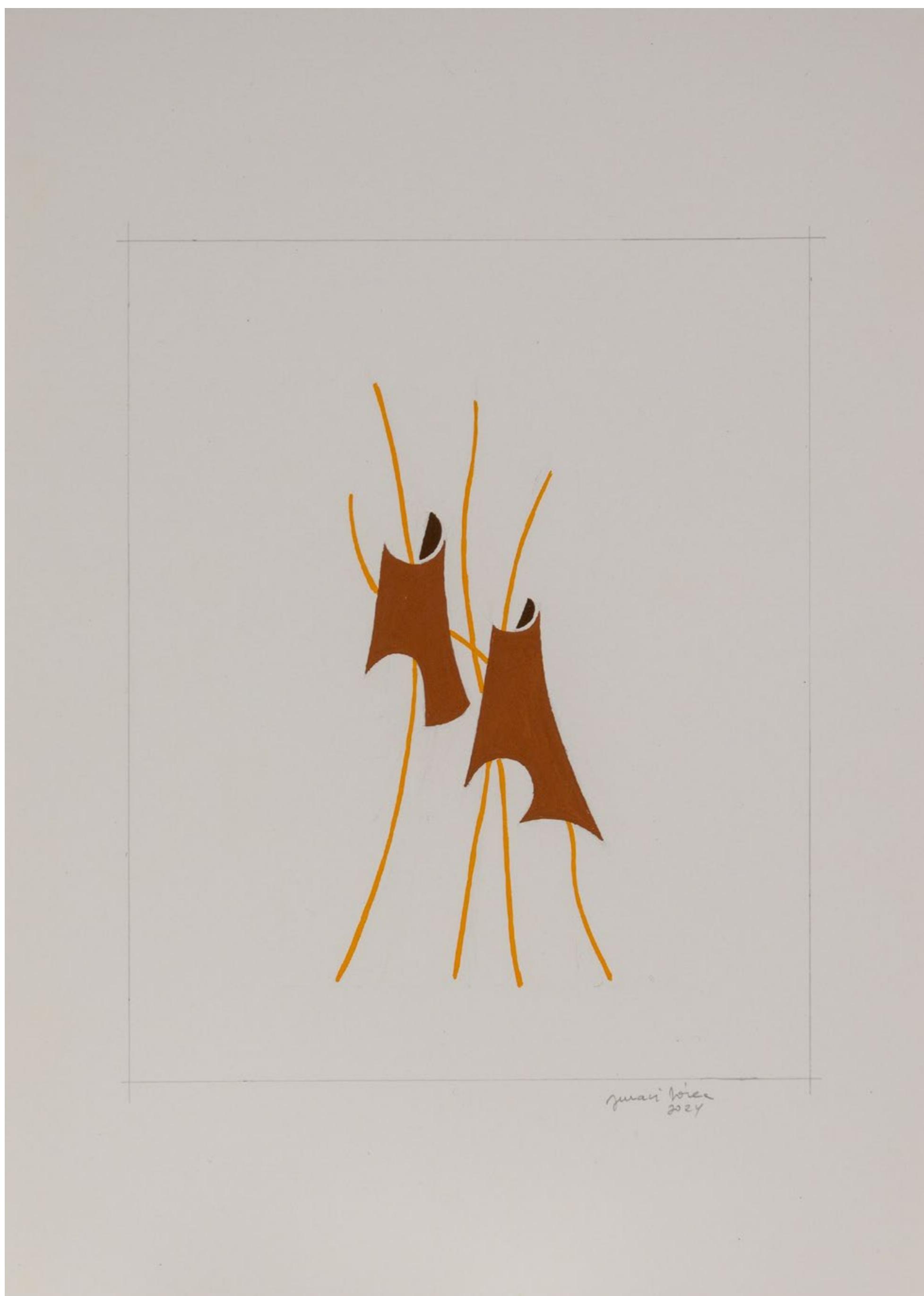


Sem título 09, da série 05, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ. 2249

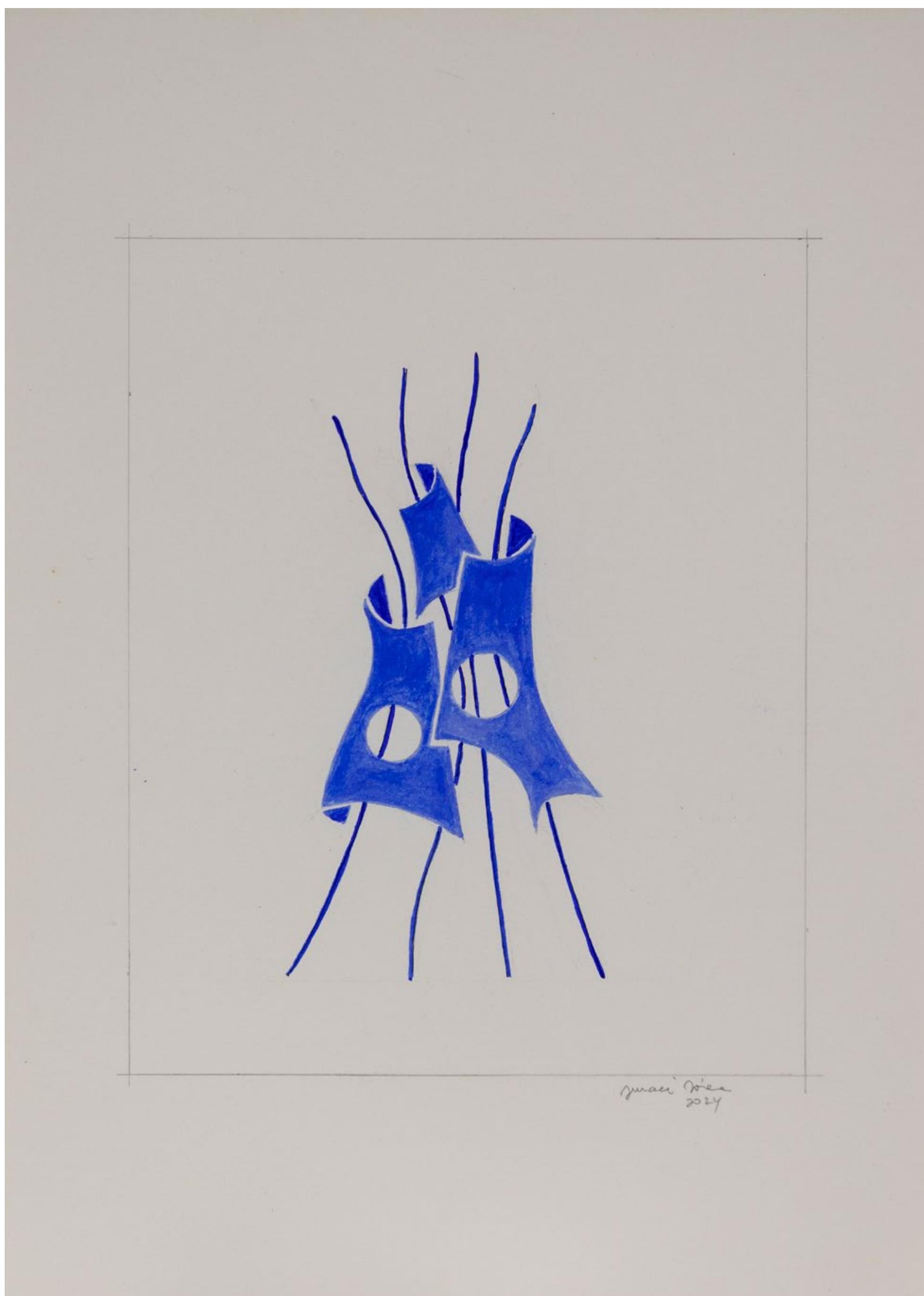


Sem título 10, da série 05, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ. 2248



Sem título 11, da série 05, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ. 2247



Sem título 01, da série 06, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

GMZ. 2245



Sem título 02, da série 06, 2024

acrílica sobre papel canson

42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]

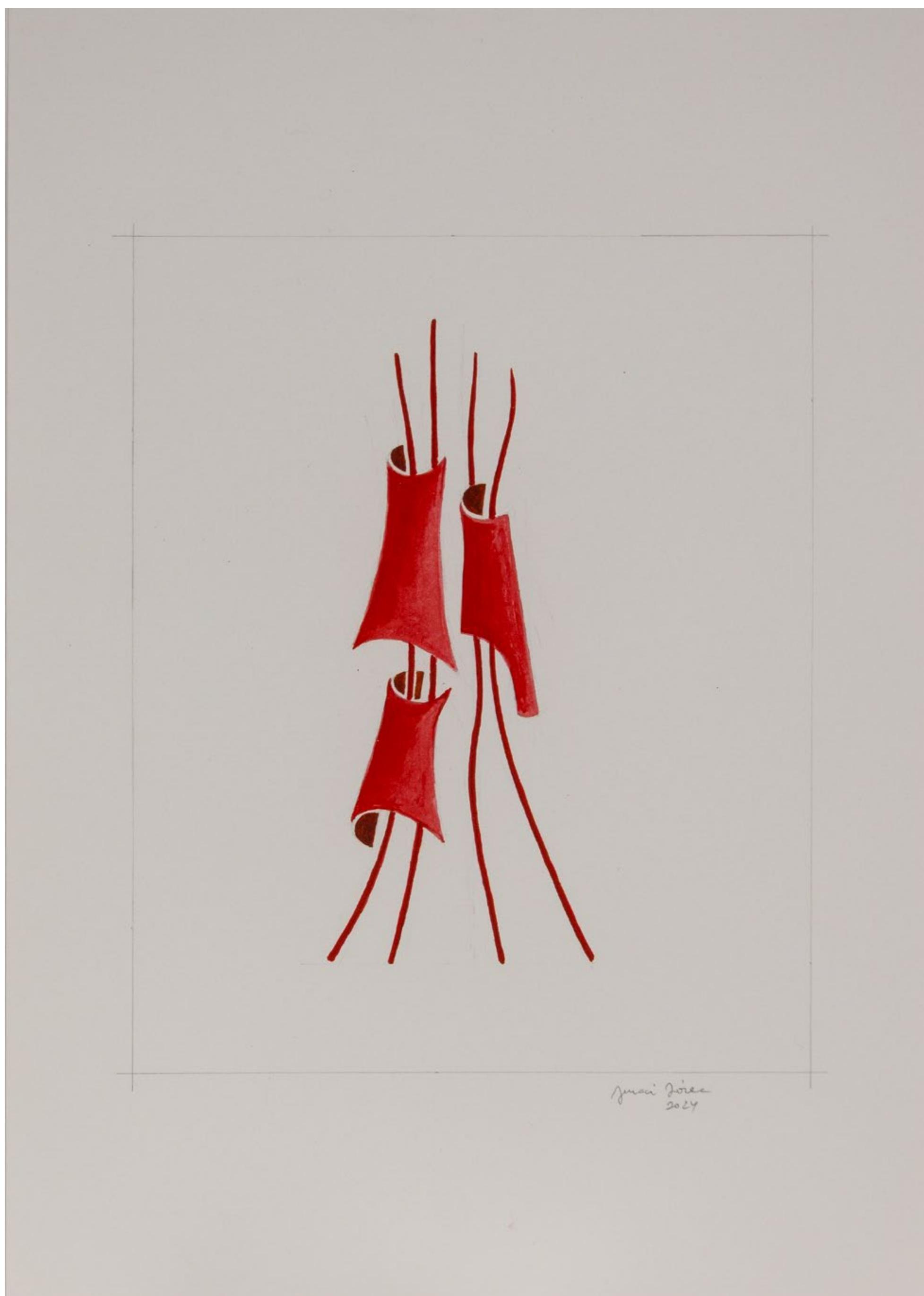
GMZ. 2242



Sem título 04, da série 06, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2244



Sem título 05, da série 06, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2246



Sem título 06, da série 06, 2024
acrílica sobre papel canson
42 x 29,7 cm / [16 9/16 x 11 1/16 in]
GMZ. 2243



Estandarte do Jacuípe XIX - 4/10, 1979-1990

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2279



Estandarte do Jacuípe XIX - 34/100, 1979

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2271



Estandarte do Jacuípe XIX - 09/2024, 1979-2024

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2276



Estandarte do Jacuípe XIX - 07/2024, 1979-2024

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2277



Estandarte do Jacuípe XIX - 4/10, 1979-1990

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2279



Estandarte do Jacuípe XIX - 12/2025, 1979-2024

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2270



Estandarte do Jacuípe XIX - 14/2026, 1979-2024

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2274



Estandarte do Jacuípe XIX - 15/2027, 1979-2024

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2273



Estandarte do Jacuípe XIX - 16/2028, 1979-2024
guache sobre serigrafia sobre papel
85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]
GMZ.2276



Estandarte do Jacuípe XIX - 2/10, 1979-1990

guache sobre serigrafia sobre papel

85 x 61,5 cm / [33 1/2 x 24 1/4 in]

GMZ.2278

Av. Domingos Ferreira, 3393 - Boa Viagem
Recife PE Brasil [Brazil] | 51020-035
galeriamarcozero.com
[@galeriamarcozero](https://www.instagram.com/galeriamarcozero)
+55 81 3787-4630

■ galeria
■ marco ■
zero